



TRADUÇÃO
NÃO REVISADA

VOLTADOS PARA O SENHOR!

*Por Monsenhor Klaus Gamber
Fundador do Instituto Litúrgico de Ratisbona*

Traduzido por Luís Augusto Rodrigues Domingues (Teresina, PI – 2008)

PREFÁCIO DA EDIÇÃO VIRTUAL

Que alegria tenho em terminar a tradução desta bela obra do Monsenhor Klaus Gamber!

Agradeço a Deus a oportunidade esperada de colaborar para uma maior compreensão do Espírito da Liturgia entre meus amigos, entre o clero da Arquidiocese de Teresina, e entre os católicos brasileiros, em cujos computadores possa posteriormente chegar este humilde trabalho, pela Web.

Reconheço a simplicidade e a pobreza dos meus esforços, tendo em vista meu conhecimento informal do espanhol e do italiano e a falta de permissão, no que diz respeito aos direitos autorais. Confesso que não quis me dar ao trabalho de procurar a empresa ou pessoa jurídica detentora dos direitos desta obra, cujo original mais próximo é o francês. A versão espanhola¹ e italiana², até onde posso constatar, são apenas traduções livres da francesa³. Foram essas que segui para esta presente edição⁴.

Nunca participei da Eucaristia estando o sacerdote na mesma orientação dos fiéis. E até poderia dizer que foi esse desejo que me impulsionou a estudar a questão e dar minha colaboração traduzindo a obra de Mons. Klaus Gamber.

Infelizmente há muita desinformação e muito preconceito. Prevalece no Brasil o pensamento de muitos “liturgistas” que, em suas “grandes idéias”, ferem princípios e instruções básicas emanadas pelos documentos da Santa Sé. Posso dizer que certos princípios teológicos são feridos ou diminuídos pela interpretação de alguns. Por exemplo: a comunhão de joelhos melhor expressa a fé na presença real do Senhor no Santíssimo Sacramento. Assim a Liturgia cumpre o papel de lugar privilegiado da profissão de fé, pelos sinais. Há quem diga que *numa ceia ninguém come ajoelhado, e que só crianças recebem o alimento na boca*. Veja-se que ideologia está por trás dessas expressões. Uma visão simplista da Eucaristia como ceia e nenhuma menção à presença real do Senhor. Não digo que o autor duvide da presença substancial de Cristo, mas sua idéia não professa a fé como deve.

Para estes e para os que vivem de “experiências”, exaltando a “criatividade”, como se a Celebração fosse incapaz de dizer algo por si mesma, eu apenas repito o que foi dito na Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*:

(...) O primeiro modo de favorecer a participação do povo de Deus no rito sagrado é a condigna celebração do mesmo; a arte da celebração é a melhor condição para a participação ativa (*actuosa participatio*). (...)

A simplicidade dos gestos e a sobriedade dos sinais, situados na ordem e nos momentos previstos, comunicam e cativam mais do que o artificialismo de adições inoportunas. A atenção e a obediência à estrutura própria do rito, ao mesmo tempo que exprimem a consciência do caráter de dom da Eucaristia, manifestam a vontade que o ministro tem de acolher, com dócil gratidão, esse dom infável. (...)

Quando a reforma dava os primeiros passos, aconteceu às vezes não se perceber com suficiente clareza a relação intrínseca entre a Santa Missa e a adoração do Santíssimo Sacramento; uma objeção então em voga, por exemplo, partia da idéia que o pão eucarístico nos fora dado não para ser contemplado, mas comido. Ora, tal contraposição, vista à luz da experiência de oração da Igreja, aparece realmente destituída de qualquer fundamento; já Santo Agostinho dissera: «*Nemo autem illam carnem manducat, nisi prius adoraverit; (...) peccemus non adorando – ninguém come esta carne, sem antes a adorar; (...) pecaríamos se não a adorássemos*». De fato, na Eucaristia, o Filho de Deus vem ao nosso encontro e deseja unir-Se conosco; a adoração eucarística é apenas o prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior ato de adoração da Igreja: receber a Eucaristia significa colocar-se em atitude de adoração d'Aquele que comungamos. Precisamente assim, e apenas assim, é que nos tornamos um só com Ele e, de algum modo, saboreamos antecipadamente a beleza da liturgia celeste (*Exort. Apost. Sacramentum Caritatis*, 38.40.66).

Muita bondade será da parte de qualquer pessoa, corrigir-me acerca da tradução ou dos comentários que pus junto das imagens. Tive dificuldades principalmente em termos próprios da arquitetura, não encontrando paralelos no português.

¹ Disponível em <http://www.unavocesevilla.info/vueltoshaciaelsenor.pdf> e <http://cruxetlibris.blogspot.com/2008/01/vueltos-hacia-el-seor-monseor-kaus.html>

² Disponível em <http://www.unavox.it/ArtDiversi/div016.htm> e <http://www.unavox.it/ArtDiversi/div017.htm>

³ Consegui o texto em 26/05/08, porém não o encontro mais na Web. Penso que o encontrei no site da Congregação para o Clero (<http://www.clerus.org>).

⁴ Certamente não tenho ligação alguma com os sites dos quais consegui as versões que utilizei para esta tradução.

Meu pensamento é que, onde a cadeira do celebrante está ao fundo do presbitério, ao centro, e o altar separado da parede, que a Liturgia Eucarística seja celebrada estando o celebrante na mesma orientação do povo. É notável que na maioria das igrejas que assim estão dispostas há lugar na frente do altar. As únicas mudanças necessárias seriam dos objetos (como os vasos sagrados), que deveriam mudar de lado para que possam ser apresentados pela direita do sacerdote. Que haja no múnio dois castiçais com velas sobre o altar e uma imagem de Jesus crucificado sobre ele.

Os momentos em que a atual *Instrução Geral sobre o Missal Romano* (IGMR) fala sobre a orientação do celebrante são⁵:

- Volta-se para o povo para a saudação inicial, entendendo-se provavelmente os ritos iniciais por completo, estando o celebrante na cadeira, e não junto do altar (n. 124);
- Inclina-se diante do altar para antes da proclamação do Evangelho (o ideal será pela frente, ainda mais se lá tiver sido deposto o Evangeliário no início da Missa, caso este seja usado) (n. 132);
- Volta-se para o povo para convidar: “Orai, irmãos e irmãs” (n. 146);
- Volta-se para o povo para anunciar: “A paz do Senhor esteja sempre convosco” (n. 154);
- Volta-se para o povo para dizer: “Felizes os convidados” (n. 157);
- Volta-se para o altar, reza as orações preparatórias e comunga (n. 158);
- Volta-se para o povo para dizer “Oremos” antes da Oração depois da comunhão, podendo-se entender que a reza também de frente para o povo, já que pode estar junto à cadeira (n. 165);
- Saúda o povo, abençoa-o e despede-o, ficando subentendido estar de frente para o povo, junto à cadeira (nn. 167-168);

“O altar seja construído afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo, o que convém fazer em toda parte onde for possível” (n. 299). Esta é a recomendação da Instrução, não sendo obrigatória.

O melhor, ao meu ver, é que o sacerdote esteja ao altar, na mesma orientação da assembléia, nos momentos não citados acima onde deve se voltar para o povo, ou seja:

- Logo ao chegar, para saudá-lo com a inclinação, o beijo e a incensação;
- Para a inclinação ao rezar a oração para antes da proclamação do Evangelho;
- Durante a preparação das oferendas;
- Durante a Oração sobre as oferendas;
- Durante toda a Oração Eucarística: desde o Prefácio até a doxologia;
- Durante o Rito da Comunhão (da Oração do Senhor até a oração pela paz);
- Durante a Fração do Pão;
- Durante as orações que o preparam para a comunhão, e a comunhão propriamente;
- Durante a consumação do preciosíssimo Sangue restante ou de partículas do Corpo do Senhor que não possam ir para o tabernáculo, por algum motivo;
- Durante a recolha dos fragmentos e a purificação dos vasos sagrados (a não ser que seja feita na credência);
- Ao beijar novamente o altar e deixá-lo, ao fim da ação sagrada.

Por fim, peço a Deus a bênção para este trabalho, a fim de que cresçam bons frutos para uma verdadeira participação e espiritualidade litúrgicas. Que todos os que entrarem em contato com esta obra, não minha, mas do Mons. Klaus Gamber, possam cada vez mais compreender que *a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre* (IGMR, n. 79).

VENI DOMINE IESU

Teresina, Piauí, 20 de novembro de 2008
Advento, ANO B

Luís Augusto Rodrigues Domingues
lardpi@gmail.com

⁵ Os números tomam por base a 3ª edição típica já publicada em português pelo Fr. Alberto Bekchaüser (pela Ed. Vozes) e disponível na Web em <http://www.presbiteros.com.br/Liturgia/MissalRomano.htm>.

PREFÁCIO

à edição francesa

(Pelo [então] Cardeal Joseph Ratzinger)

Depois de nos terem dado uma edição francesa de *“Die reform der Römischen Liturgie”*, os monges de Barroux publicam agora em francês uma segunda obra do grande liturgista Klaus Gamber, *“Zum Herrn hin”*, sobre a orientação da Igreja e do Altar. Os argumentos históricos abordados pelo autor, se fundamentam num profundo estudo das fontes, que ele mesmo realizou. Concordam com os resultados de grandes sábios como F. J. Dölger, J. Braun, J. A. Jungmann, Erik Peterson, Cyrille Vogel, o Revmo. Pe. Bouyer, apenas para citar alguns nomes eminentes.

Porém o que dá importância a este livro é sobretudo o substrato teológico, posto em dia por esses sábios investigadores. A orientação da oração comum a sacerdotes e fiéis (cuja forma simbólica era geralmente em direção ao leste/oriente, quer dizer, ao sol que se eleva), era concebida como um olhar lançado ao Senhor, ao verdadeiro sol. Há na liturgia uma antecipação de seu regresso: sacerdotes e fiéis vão ao seu encontro. Esta orientação da oração expressa no caráter teocêntrico da liturgia obedece à exortação: *“Voltemo-nos para o Senhor”*⁶.

Esta monição, esta chamada, dirige-se a todos nós, e mostra, indo além de seu aspecto litúrgico, como faz falta que toda a Igreja viva e atue para corresponder à mensagem do Senhor.

Roma, 18 de novembro de 1992

Joseph Cardeal Ratzinger

⁶ NT. Conhecida no latim como *Conversi ad Dominum!*

ÍNDICE

PRÓLOGO - A edificação das igrejas e a oração rumo ao Oriente	6
O ALTAR E O SANTUÁRIO ONTEM E HOJE	7
O ALTAR DE FRENTE PARA O POVO – Perguntas e respostas.....	13
PRIMEIRA PERGUNTA - <i>Qual era a situação na Igreja primitiva? Não estavam os fiéis com o presidente sentados à “mesa do Senhor”?</i>	14
SEGUNDA PERGUNTA - <i>Como podemos nos opor aos modernos altares voltados para o povo se foram prescritos pelo Concílio e praticamente foram introduzidos no mundo inteiro?</i>	15
TERCEIRA PERGUNTA - <i>Na idade média não havia um altar destinado ao povo, além do altar mor, como hoje em dia?</i>	16
QUARTA PERGUNTA - <i>No “Manual de Liturgia para o púlpito, a escola e a casa” (Handbuch der Liturgie für Kanzel, Schule und Haus) do Pe. Alfons Neugart (1926), se lê: “Nas basílicas da igreja primitiva, o altar estava colocado no meio da abside do coro e o sacerdote celebrante se colocava atrás deste, de frente para o povo. Não havia cruz nem velas sobre o altar. As cadeiras para o bispo e os eclesiásticos estavam colocadas ao redor da parede. Posteriormente o altar foi colocado junto à parede, tal e como encontramos em nossos dias”. Isto está certo?</i>	17
QUINTA PERGUNTA - <i>O papa não celebra desde tempos imemoriáveis de frente para o povo, e não existe em São Pedro de Roma um altar separado elevado sobre um pódio, como na maior parte das igrejas modernas?</i>	18
SEXTA PERGUNTA - <i>Por acaso era bom que o sacerdote rezasse voltado para a parede? Não é melhor que reze voltado para a assembléia?</i>	19
SÉTIMA PERGUNTA - <i>Certamente não há estudos, como o do professor Otto Nussbaum, muito conhecido, nos quais se demonstrou cientificamente que desde os tempos mais antigos houve celebrações de frente para o povo, e que estas eram as mais antigas?</i>	20
OITAVA PERGUNTA - <i>Quando o sacerdote se colocava “de trás” do altar nas igrejas que têm sua abside em direção ao ocidente, como São Pedro de Roma, não era isso uma celebração “de frente para o povo”?</i>	20
NONA PERGUNTA - <i>Qual era a posição do sacerdote e dos fiéis nas igrejas nas quais a abside estava em direção ao Oriente, que como se sabe, constituíam a maioria dos antigos santuários?</i>	24
DÉCIMA PERGUNTA - <i>Porém o fato de que nas antigas basílicas romanas o altar e a abside pudessem se encontrar em quaisquer direções é uma contradição com a afirmação de que nas origens se rezou sempre voltado para o Leste e que conseqüentemente as igrejas fossem “orientadas”. Como se explica?</i>	24
DÉCIMA PRIMEIRA PERGUNTA - <i>Tudo isto é muito bonito, mas não é necessário contar que o homem moderno é incapaz de compreender que seja necessário voltar-se para o oriente para rezar? O sol nascente não tem para o homem atual a força simbólica que tinha para o homem da antigüidade e que ainda hoje tem para os mediterrâneos, que recebem o sol com mais intensidade que os “homens do norte”. Para os cristãos de hoje o que é importante é a comunhão da mesa eucarística.</i>	26
DÉCIMA SEGUNDA PERGUNTA - <i>Por que o caráter sacrificial da Missa é menos claramente expressado, como se afirma, se o sacerdote está de frente para o povo?</i>	27
CONCLUSÃO.....	28
EPÍLOGO.....	30
EM MEMÓRIA DE KLAUS GAMBER.....	30
UM CAMINHO A SEGUIR	30
PARA UM MAIOR CONHECIMENTO	31
BIBLIOGRAFIA	34
APÊNDICE DO TRADUTOR.....	35
A ORAÇÃO VOLTADA PARA O ORIENTE	35

PRÓLOGO

A edificação das igrejas e a oração rumo ao Oriente

“Temos um altar, do qual não podem comer os que servem no tabernáculo” (Hb 13,10)

O altar se refere sempre a um sacrifício oferecido por um sacerdote. Altar, sacerdote e sacrifício falam a uma só voz, como o dizia São João Crisóstomo: “Ninguém pode ser sacerdote sem sacrifício” [1]. Como os protestantes rechaçam expressamente o sacrifício da missa e o sacerdote do padre, também não têm necessidade, propriamente falando, de altar.

Em todas as religiões antigas, o sacerdote, como sacrificador, escolhido entre os homens (Hb 5,1), se situa diante do altar e diante do santuário (que é a representação de Deus). De igual forma, os que assistem à celebração do sacrifício se aproximam do altar, a fim de estar em comunhão com este, pelas mãos do sacerdote sacrificador, como escreveu São Paulo: “Os que comem das vítimas não estão em comunhão com o altar?” (1Cor 10,8).

No transcurso desses últimos vinte anos, operou-se uma mudança em nossa concepção de sacrifício. Pessoalmente, creio que a introdução de altares de frente para o povo e a celebração voltada para este é muito mais grave e causador de problemas para a evolução futura que o novo Missal. Porque na base desta nova colocação do sacerdote em relação ao altar – e sem dúvida alguma trata-se de uma inovação e não de um retorno a um costume da Igreja primitiva – há uma nova concepção da Missa, que faz dela uma “comunidade do banquete eucarístico”.

Tudo o que tinha primazia até agora, a veneração cultural e a adoração a Deus, assim como o caráter sacrificial da celebração, considerada como representação mística e atualização da morte e ressurreição do Senhor, passa a um segundo plano. O mesmo acontece com a relação entre o sacrifício de Cristo e o nosso sacrifício de pão e vinho que apenas aparece.⁷ Dessa questão se tratou em nosso opúsculo “*Das opfer der Kirche*” (O sacrifício da Igreja).

Não sou dos que pensam que as formas do altar, tal como se tinham constituído no curso dos últimos séculos, e se tinham conservado até o Concílio Vaticano II, não podem ser mudadas. Pelo contrário, gostaria de que se voltasse a formas simples, tal como habitualmente estavam em uso no primeiro milênio, tanto na Igreja Oriental, como na Igreja Ocidental (e ainda hoje no Oriente); formas que colocavam em relevo o caráter do altar cristão, lugar do sacrifício da Nova Aliança.

A necessidade de expor em detalhes, porém de uma forma compreensível a todos, o problema criado pelos altares modernos voltados para o povo, assim como do celebrante de frente para a assembléia, me surgiu lendo as numerosas cartas dos leitores publicadas no ano passado, durante muitos meses, no *Deutsche Tagespost*. Estas cartas provam que no que concerne à evolução histórica do altar, muitas coisas ficam confusas, e que muitos erros, sobretudo referentes aos primeiros tempos da Igreja, parecem estar ancorados ao espírito das pessoas. Por causa de tudo isso decidi firmemente levar em conta as perguntas propostas pelos leitores em suas cartas.

Klaus Gamber - Pentecostes de 1987

⁷ NT. No original: *Lo mismo la relación entre el sacrificio de Cristo y nuestro sacrificio de pan y vino apenas aparece.*

O ALTAR E O SANTUÁRIO ONTEM E HOJE

“Quero vos contemplar no santuário, para ver vosso poder e vossa glória.” (Sl 62,3)

“...ao despertar, saciar-me-ei com a visão de vosso ser.” (Sl 16,15)

Estas palavras do salmista dizem bem o que era a participação interior dos fiéis da Antiga Aliança entrando no templo de Jerusalém. De certo modo não são outra coisa se não a oração de Moisés pedindo a Deus que pudesse contemplar sua face (cf. Ex 33,11-23). Porém, assim como Moisés só viu a Iahweh pelas costas, igualmente o fiel israelita não via nada mais que o santuário de Deus, e se não pertencia à casta sacerdotal, somente seu exterior.

O visitante da casa de Deus (*Domus Dei*) cristã devia expressar o mesmo desejo do salmista, o de ver “a glória” de Deus e sentir seu “poder”, tal como aparece no decorrer da Missa, através dos ritos e das representações. Contemplamos o Senhor oculto sob as espécies eucarísticas, pois nesta terra não nos é concedido ver a face de Deus sem morrer (cf. Ex 33,20).

Orígenes nos recorda que: “É certo que os poderes angélicos tomar parte na assembléia dos fiéis, e que a virtude de nosso Senhor e Salvador está ali presente, assim como as almas dos santos” [2]. E o poeta sírio Balay declara: “A fim de que sobre a terra se possa encontrar (o Senhor), ele construiu para si uma casa entre os mortais e edificou altares... para que a Igreja obtenha a vida. Que ninguém se engane: é o Rei que habita aqui! Aproximemo-nos do Templo para o contemplar!” [3]

A fim de ver um pouco do “poder e da glória” de Deus e para vivê-la na liturgia, os homens, no transcurso dos séculos passados, edificaram igrejas e catedrais e as dotaram do melhor que podiam. Aceitaram que seus templos, enquanto morada de Deus, fossem suntuosos, ainda que muitas vezes eles mesmos vivessem na maior miséria. Por acaso não era o seu santuário? O bem comum era por causa dele. Estava bem para todos.⁸

Jamais se construíram tantas igrejas novas como nos anos seguintes à segunda guerra mundial. A maioria delas são construções puramente utilitárias, nas quais se renunciou voluntariamente fazer uma obra de arte, ainda que freqüentemente tenham custado milhões. Do ponto de vista técnico não falta nada: se beneficiam de uma excelente acústica e de perfeita ventilação, bem iluminadas e facilmente aquecíveis. De todos os lados se pode ver o altar.

Não obstante, essas Igrejas não são casas de Deus em sentido próprio, não são um espaço sagrado, um templo do Senhor aonde seja agradável ir para adorar a Deus e lhe expressar nossas necessidades. São salas de reunião aonde não se vai fora dos momentos dos ofícios. Assim como brincam com os “silos/depósitos de habitações” ou os “armazéns para humanos”, como são os edifícios dos bairros de periferia, a estas igrejas, em linguagem popular, às vezes se chama “silos/depósitos de almas” ou “armazéns do pater noster”.

Outras igrejas têm sido expressamente concebidas como obra de arte, como a capela de peregrinos de Ronchamp. O célebre arquiteto Le Corbusier, que era agnóstico, conseguiu uma obra mestra da arquitetura. *Porém não uma Igreja*. Pode até ser que seja um lugar de oração que predisponha à meditação, mas não passa disso.

Desde então, o modelo da capela de Ronchamp foi imitado e a construção de Igrejas se converteu num terreno de experiências, de onde se desabafava o subjetivismo dos arquitetos. Isto se tornou cada vez mais fácil quando se impôs o princípio segundo o qual já não existiria um “espaço sagrado” em oposição ao “mundo profano”.

Os novos edifícios se converteram assim em símbolos de nossos tempos, e igualmente em sinal da decomposição das normas existentes e em imagem de tudo o que é caótico no universo contemporâneo. Todavia⁹, um lugar dedicado ao culto tem suas próprias leis, que não se submetem nem à moda nem às mudanças dos tempos. Como no Templo de Jerusalém, Deus habita nele de forma particular. E é aqui que se rende culto a Deus.

⁸ NT. No original: *Por ello era su bien común.*

⁹ NT. No original: *Ahora bien*

Há que se acrescentar a isso igualmente o seguinte: hoje as bases espirituais e teológicas falham. A vida pública, em sua maior parte, foi secularizada. Desgraçadamente as Igrejas cristãs já não constituem mais a força principal da sociedade ocidental. Os arquitetos sem problema constroem hoje como se nada tivesse mudado, enquanto não faltar dinheiro. Os gigantescos centros paroquiais que se edificam nos bairros periféricos darão a impressão de que a igreja continua sendo o grande ímã que atrai os homens.

No futuro isto levará à construção de edifícios simples, relativamente limitados, que, se não se distinguem em nada por seu aspecto exterior, apresentarão em seu interior um acomodamento de boa qualidade, inteiramente orientados para seu fim cultural. De maneira análoga, a basílica da Igreja primitiva pouco se distinguia dos demais edifícios da estrada quanto à construção, porém sem dúvida pela suntuosidade de suas cortinas e lâmpadas, e sobretudo pela rica ornamentação do altar e do santuário, o interior constituía um marco digno do mistério que nela tinha lugar.

Nas novas igrejas, a disposição do santuário tem sido objeto de diferentes soluções. Enquanto que nas Igrejas construídas entre as duas guerras existiam vários degraus para se subir ao altar, que aparecia em uma plataforma mais elevada, hoje ele está sobre um pódio ilhado (em alemão "Altarinsel", ou pequena ilha do altar) colocado o mais próximo possível dos fiéis.

O centro deste pódio está constituído por uma mesa de altar (mensa), geralmente de grandes dimensões e desprovida de toda a ornamentação. Ao lado se encontra um ambão de pedra como o altar, e, atrás, três assentos (acolchoados) ou mais para o celebrante e seus assistentes. Por último, sozinho, em alguma parte da parede vazia¹⁰ da absíde, o sacrário. O crucifixo, para o qual se dirigiam até então os olhares dos que rezavam, quase sempre falta ou então se encontra de tamanho pequeno sobre o altar. Este último leva, ao lado do inevitável ramo de flores, alguns castiçais reunidos em forma de buquê, ou se são os de grande tamanho, são colocados diretamente no chão, ao redor do altar.

Pelo contrário, as igrejas ortodoxas do Oriente se constroem hoje da mesma maneira há mais de mil anos, e são adornadas com pinturas e ícones. Trata-se aqui de uma arte típica, à qual tanto o arquiteto quanto o artista estão ligados ao "typos" ou modelo tradicional, sem que este seja sempre uniforme.

No Ocidente também, segundo a tradição comum ao Oriente, era essencial que o santuário estivesse separado do espaço reservado aos fiéis, como já em Jerusalém o santuário do resto dos edifícios do Templo. O tão traído princípio de nossos dias, segundo o qual "o altar deve ser o centro", é falso no referente à sua localização.

O altar é o centro da ação sagrada: sobre ele, no curso da celebração da Missa, repousa o "cordeiro imolado" do Apocalipse (5,6). Por isso Santa Hidelbranda de Bingen chama o altar de "a mesa dispensadora da vida" e acrescenta: "Quando o sacerdote... se aproxima do altar para celebrar os santos mistérios, um resplendor de luz aparece logo no céu. Os anjos descem, a luz rodeia o altar... e os espíritos celestes se inclinam à vista do serviço divino" [4].

A separação estrita entre o santuário e a nave apareceu na época em que as multidões começaram a aderir em massa à Igreja, ou seja, por volta do ano 300 no máximo. Então se construíram barreiras ao redor do coro e se colocaram cortinas, uma rodeando o baldaquino do altar, outra na pérgula das varandas do coro, pérgula que nas igrejas pequenas se reduzia a um simples travessão de madeira (cf. fig. 1). Tudo isto porque se pensava que o mistério celebrado no altar devia ser preservado, não se expondo diretamente aos olhares dos homens.

¹⁰ NT. No original: ...muro desnudo...

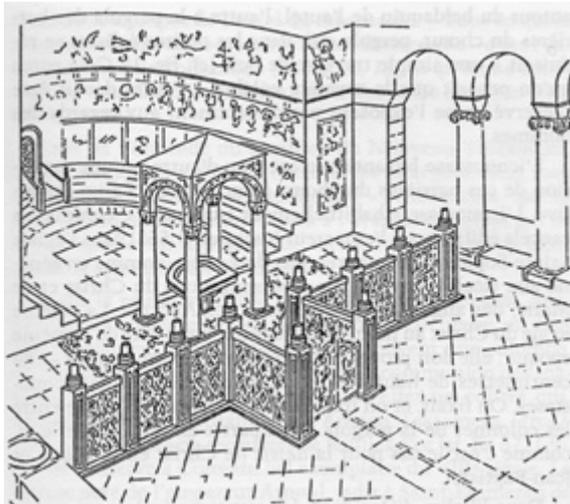


Fig. 1 - Veliko Timovo (Bulgária) séc. VI. Altar e barreira do coro. A pérgula não está representada.

A iconostase bizantina não é outra coisa se não uma extensão dessas barreiras do coro (*cancelli*) da Igreja primitiva. A iconostase tem normalmente três portas, como as cancelas construídas no tempo do imperador Justiniano (†565) na igreja de Santa Sofia de Constantinopla, dotada já, como em geral nos séculos seguintes, de representações de Cristo ou de Maria, anjos, profetas e apóstolos. O célebre ícone de Cristo, no mosteiro do monte Sinai, data da mesma época. Deve provir, tendo em conta suas dimensões - 84cm de altura - de uma das antigas iconostases. Os ícones se colocavam, e se colocam, parte entre as colunas da pérgula e parte em cima destas como no caso da "*deisis*" (Cristo entre Maria e João Batista).

Na igreja do Ocidente, as cortinas (*vela*), que se usavam desde as origens na ornamentação do altar e as barreiras do coro, não deixaram de ser usadas nas igrejas até a época barroca, onde tudo estava organizado para a vista/visão e a claridade. Assim encontramos no sacramentário de Angulema (por volta do ano 800), ao final das fórmulas de consagração de uma igreja, a seguinte rubrica: "*Depois se recobrem os altares (com as toalhas) e se penduram as cortinas do templo (vela templi)*" [5]. O mesmo no rito de consagração das igrejas do sacramentário de Drogón (séc. IX) se fala de um "*velum*" suspenso entre a nave e o altar (*inter aedem et altare*) [5]. Porém o que importa é que voltemos a ter respeito pelo altar.

Tanto na Igreja do Oriente como na do Ocidente, existe o costume de que o sacerdote que se aproxima ao altar se incline profundamente diante dele. No livro do Êxodo (29,37) se lê a propósito do altar do tabernáculo: "*tudo o que o tocar será consagrado*". O mesmo Jesus declara "*Cegos! Qual é o maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta?*" (Mt 23,19) e também que não se deve depositar no altar nenhuma oferenda se não depois de se ter reconciliado com o irmão (cf. Mt 5,23-24).

A oferenda do sacrifício da Nova Aliança fez com que o altar se convertesse no trono de Deus. Pelo que São João Crisóstomo adverte a seus leitores: "*Pense no que fará entrando aqui. Trema de antemão. Porque aquele que tão somente percebe o trono (vazio!) do Rei, estremece em seu coração ao esperar a chegada do Rei*" [6]

Na Igreja primitiva, e também posteriormente, pendia do baldaquino do altar, além da lâmpada circular, um recipiente de ouro e prata, geralmente em forma de pomba, onde se guardava a eucaristia (para a comunhão dos enfermos). Para esta finalidade muitas vezes também se fazia um cofre que, como a Arca da Aliança da Antiga Aliança (*arca*), era feito de madeira de acácia recoberta de panos de ouro ou prata (cf. Ex 37,1-9). Se conserva em Coire um belo exemplar do séc. VIII. O cibório dourado do imperador Arnoul, antigamente em Santo Emmeran de Ratisbona e atualmente em Munique, data do séc. IX. Com suas quatro pequenas colunas se assemelha muito ao "*artophorion*" (tabernáculo) que hoje se encontra sobre o altar das igrejas bizantinas.

Estes receptáculos estavam sempre colocados sobre o altar ou em um nicho colocado em sua parte posterior. O tabernáculo metálico da época moderna se origina aqui. No séc. XIII, Guilherme Durand em seu "*Rationale divinatorum officiorum*" ou "*Manual para os ofícios divinos*", fala da instalação de uma *arca* (tabernáculo) em cima do altar, dentro da qual "*se depositam conjuntamente o corpo do Senhor e as relíquias dos santos*" [7]. Pelo contrário, a conservação do pão eucarístico em um tabernáculo, situado na parede esquerda do coro, é mais recente e era habitual sobretudo na época gótica. A conservação sobre o altar é em todo caso muito encontrada. Nada se pode objetar a esta conservação da santa eucaristia em outro lugar da Igreja, contanto que seja digno.

Na abside, onde se encontrava o trono do bispo e as cadeiras dos sacerdotes, em sua parte superior até o séc. V - como testemunha Nilo de Ancila (†430) [8] - não se representava nada mais que a cruz ou também - como se pode ver em algum mosaico romano, além da cruz, Cristo ensinando rodeado pelos Apóstolos. Depois, mais tarde, até a época gótica, em quase todo o Ocidente, Cristo sentado em seu trono, dentro de uma "amêndoa", sobre o arco-íris, rodeado pelos quatro animais do Apocalipse (4,6-8) e por anjos; na parte inferior a Mãe de Deus, os Apóstolos e outros santos, representando a assembléia celeste. Durante a celebração da Eucaristia, os fiéis ao contemplar a imagem de Cristo sobre seu trono do céu, o sentiam assim igualmente entre eles. Não bastava recordar as palavras do Senhor: "*onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.*" (Mt 18,20), era necessário expressá-la de maneira sensível, precisamente por uma imagem.

A parede da abside totalmente vazia¹¹, como se encontra em muitas igrejas modernas, era em outro tempo algo inconcebível. Quando se terminava uma nova construção, era precisamente essa parede a primeira que se decorava com mosaicos ou pinturas, e só depois se fazia com outras paredes. Recorde-se aqui dos magníficos mosaicos da Basílica de Ravena e das catedrais de Veneza, Torcello e Parenzo (cf. fig. 2). Enquanto as pinturas da abside tinham sobretudo um caráter cultural, pois evocavam a presença do Senhor, sentado em seu trono, soberano sobre a assembléia, as pinturas da nave, com suas cenas tiradas do Antigo e do Novo Testamento tinham, segundo o pensamento ocidental, como primeiro efeito, um fim didático. Estavam destinadas a ensinar aos fiéis as realidades divinas.



Fig. 2 - Santuário (parte superior) da Catedral de Parenzo (Istria), séc. VI
(desenho de Jupp Palm)

Pelo contrário, o Oriente bizantino vê antes de tudo uma atualização dos mistérios da salvação nessas representações. O mesmo que os numerosos retratos dos Santos ao longo dos pilares e paredes laterais, simbolizando a presença da assembléia celeste ou a ação de unir-se a eles (cf. Hb 12,22-24).

Por isso o interior da igreja ortodoxa se converte em um lugar onde e juntam o passado, o presente e o futuro, onde a eternidade (o "hodie", o hoje, palavra pela qual começam numerosos cantos solenes) aparece, onde o céu e a terra se unem.

¹¹ NT. No original: *Um muro de abside totalmente desnudo...*



Fig. 3 - Igreja do convento de Nerezi, próximo a Skopje (Macedônia)

Nas igrejas ocidentais, já o vimos, o olhar dos participantes se dirigia à representação do Filho de Deus transfigurado, assim como à cruz, sinal de nossa salvação. A cruz sobretudo era considerada um sinal de vitória, o sinal do Filho do Homem voltando no fim dos tempos (Mt 24,30), e, por isso, era adornada com ouro e pedras preciosas. Era colocada atrás do altar e, até a época românica, não trazia o corpo de Cristo.

Somente mais tarde iniciou o costume de pintar na Cruz a imagem do Crucificado ou de fixá-la em forma de representação sobre esmalte, porém ainda não como um Cristo de dor ou morrendo entre atrozes sofrimentos, mas como o que venceu a morte ou como sumo sacerdote. A representação plástica de um corpo martirizado, tal como se tornou comum no Ocidente, a princípio se rechaça no Oriente, porque se pensa que ressalta demais o aspecto físico ou humano.

Como a representação do Filho de Deus na abside em glória e a cruz acima ou em cima do altar são elementos essenciais da decoração do santuário, segundo a concepção tradicional, jamais se pôs em dúvida que o olhar do sacerdote celebrante devia se dirigir à cruz e à representação de Cristo transfigurado, e não aos fiéis que participavam da celebração, como atualmente é o caso na celebração *versus populum* (de frente para o povo).

Sem dúvida, poucas igrejas modernas tem tal ponto de referência. Parece que em geral os artistas temem introduzir obras plásticas nas igrejas. Isto se deve aos conflitos interiores que perturbam¹² o homem moderno e que o impedem de criar uma arte sacra. Definitivamente o que falta é a tradição, nas igrejas do Oriente, não cessou de impregnar até hoje em dia o desenvolvimento do culto, a arquitetura das igrejas e a arte litúrgica.

Na ortodoxia, o artista tem por missão principal representar o mistério da salvação, tal como se descreve nas Sagradas Escrituras e foi transmitido pela Tradição, delimitação esta que o preserva das arbitrariedades, com frequência tremendas, que podemos encontrar na arte sacra contemporânea, sem que por isso ele esteja demasiadamente limitado em sua realização artística.

Enquanto isso no Ocidente (ao contrário do que aconteceu no Oriente), a disposição do santuário e dos altares sofreu mudanças em diversas ocasiões ao longo dos séculos (ao fim da época românica, e sobretudo na época gótica, os altares foram dotados de retábulos, o que finalmente trouxe a aparição dos altares

¹² NT. No original: *desgarran*

barrocos, tão típicos pela sua altura). Não se pode negar que em nossos dias se produziu, neste aspecto, uma nova mudança, de ordem fundamental, após o Concílio Vaticano II.

Assim, depois do Concílio, em muitos lugares, se suprimiu a mesa da comunhão, que restava da antiga barreira do coro, e se colocou, diante do altar mor, outro altar destinado à celebração de frente para o povo. E se colocaram microfones por toda parte, no altar, nas cadeiras, no ambão! Já o antigo púlpito não é mais utilizado.

Procedeu-se a esta nova disposição do santuário com uma extraordinária unanimidade em quase todo o mundo. Enquanto nas igrejas antigas o (novo) altar de frente para o povo, as cadeiras e o ambão foram concebidos como objetos móveis, podendo em todo momento ser transladados, nos edifícios renovados ou de nova construção esta disposição é definitiva em função da nova organização que se crê “moderna”.

Conserva-se a eucaristia em um tabernáculo numa parede (no meio da parede de fundo ou na parede lateral esquerda). O novo altar de frente para o povo é de pedra, de modo que muitas vezes sua disposição só permite a celebração *versus populum*. As cadeiras também de pedra, bem como o ambão. Tudo com uma aparência maciça e de um estilo freqüentemente duvidoso e, em todo caso, sem nenhuma relação com a tradição.

Ora, indagando os séculos passados teríamos realmente bastantes modelos capazes de nos dar idéias para esta organização, em particular do altar.

E. A. Lengeling expôs as “Tendências da construção de igrejas católicas na Alemanha segundo as decisões do Concílio Vaticano II” (*Tendenzen des deutschen Katholischen kirchenbaus aufgrund der Beschlüsse des II. Vatikanischen Konzils*) em um artigo com este título no *Liturgisches Jahrbuch* de 1967. As tendências que ali se expunham foram, porém, impostas de maneira quase unânime. Porém, não se tratou seriamente de fundamentar historicamente esta nova disposição, com exceção do estudo de Otto Nussbaum, do qual falaremos adiante.

Para terminar, uma palavra a mais sobre as celebrações eucarísticas com multidões ao ar livre. Nestas manifestações muitos sentem uma tremenda preocupação¹³, sobretudo por causa da maneira com que se distribui a comunhão às pessoas.

Não esqueçamos: é verdade que Jesus Cristo pregava para grandes multidões, que facilmente chegavam a milhares de pessoas (cf. Mt 14,21), sem dúvida, porém, não instituiu a Santa Eucaristia na presença das massas humanas, e sim no círculo restrito de seus apóstolos.

Foi parecer de toda a cristandade que a Missa, esse sacrifício que une o céu e a terra, não podia ser celebrado se não em locais sagrados preparados para tal. Recordar-se que o cordeiro pascal dos judeus só podia ser consumido sob um teto e não ao ar livre (cf. Ex 12,46).

É necessário pensar ainda que a preparação e a consagração de hóstias necessárias para a comunhão de milhares, e até mesmo de um milhão de pessoas, ocasiona várias dificuldades.

Parece que, por razões de princípio, não se quer renunciar à participação dos fiéis na comunhão – ainda que isto seja a solução mais simples –, porque, partindo do caráter de ceia próprio da missa, pensa-se, sem razão, que a recepção da comunhão é necessária para se poder participar de qualquer missa.

Porém o que é de todo incompreensível é que se celebrem Missas ao ar livre quando se dispõem de igrejas amplas. Isso vai contra uma tradição da Igreja de quase 2000 anos e também contra a mesma natureza da Santa Missa, que tem sido sempre considerada um sacrifício e a realização de um mistério. Para celebrar o “mistério da Fé”, deveríamos nos guardar dentro dos muros de nossas igrejas, protetores, guardas do mistério. A santidade do lugar nos leva a tomar uma boa atitude diante do sagrado, que somente se revela aos que se aproximam com respeito.

¹³ NT. No original: *una verdadera pesadilla*

O ALTAR DE FRENTE PARA O POVO

Perguntas e respostas

“Adiantou-se outro anjo e pôs-se junto ao altar, com um turíbulo de ouro na mão. Foram-lhe dados muitos perfumes, para que os oferecesse com as orações de todos os santos no altar de ouro, que está adiante do trono.” (Ap 8,3)

Segundo a concepção da carta aos Hebreus, o templo terrestre de Jerusalém e seu altar são a imagem do santuário que está no céu e no qual Cristo, sumo e eterno sacerdote, entrou (cf. Hb 9,24).

A liturgia celeste e a terrestre não são mais que uma apenas. Segundo a passagem do Apocalipse citado acima junto ao título do capítulo, um anjo se encontra diante do altar de ouro do céu, com um turíbulo de ouro nas mãos, para oferecer as orações dos fiéis ante a face de Deus. Nossa oferta terrena não é tampouco totalmente aceita diante de Deus se não “levada pela mão do anjo ao altar do céu”¹⁴, como se diz no Cânon da Missa romana.

A idéia segundo a qual o altar terreno era imagem do modelo¹⁵ celestial diante do trono de Deus determinou sua disposição e a posição do sacerdote diante dele: o anjo com o turíbulo de ouro está *diante do altar*, como temos lido. Além disso, as prescrições que Deus deu a Moisés (cf. Ex 30,1-8) também tiveram um papel importante.

Eram necessárias estas observações preliminares para que se compreenda quanto tem mudado as atuais concepções relativas ao altar. Essas mudanças não foram efetuadas bruscamente, mas em pequenos passos, pouco a pouco. Tudo começou muitos anos antes do Concílio Vaticano II.

Nas *Richtlinien für die Gestaltung des Gotteshauses aus dem Geist der römischen Liturgie* (Instruções para a disposição das Igrejas no espírito da Liturgia romana) de 1949, Theodor Klauser adianta que: “Certos sinais fazem prever que, nas Igrejas do futuro, o sacerdote se colocará como em algum tempo por trás do altar e celebrará de frente para o povo, como ainda se faz hoje em certas basílicas romanas. O desejo, que se percebe por toda parte, de se ver mais claramente expressa a comunidade da mesa eucarística, parece exigir esta solução” (nº 8)

O que Klauser apresentava então como desejável chegou a ser, como sabemos, a norma em quase todas as partes. Pensa-se que se recuperou um costume da cristandade primitiva, porém se pode provar com certeza que jamais houve celebrações *versus populum* (de frente para o povo) nem na Igreja do Oriente nem na do Ocidente, como demonstrarão claramente as explicações seguintes. Todos, pelo contrário, sempre se voltavam juntos para o oriente para rezar, *ad Dominum* (ao Senhor).

A idéia de um face a face entre o sacerdote e a assembléia na Missa remonta a Martinho Lutero que fazia notar no seu opúsculo *Deutsche Messe und Ordnung des Gottesdienstes* (A Missa alemã e a ordem do culto divino) de 1526, no começo do capítulo “O Domingo para os leigos”: “Conservaremos os paramentos sacerdotais, o altar e as velas até que se acabem ou até que achemos conveniente mudá-los. Todavia, deixaremos que outros que queiram fazer diferente o façam. Porém, na verdadeira missa, entre verdadeiros cristãos, será necessário que o altar não fique como está e que o sacerdote se volte sempre para o povo, como sem dúvida fez Cristo durante a ceia. Isto, porém, pode esperar”.

Eis que o momento esperado chegou...

Para justificar a mudança de posição do celebrante em relação ao altar, o Reformador se referia à situação de Cristo durante a última Ceia. Com efeito, [Lutero] tinha diante dos olhos as representações comuns da época: Jesus está de pé ou sentado ao centro de uma grande mesa e os apóstolos o rodeiam, à direita e à esquerda.

Porém, será que Jesus realmente ocupava esta posição?

Certamente não, pois teria contrariado os costumes domésticos da época.

No tempo de Jesus, e em alguns séculos mais tarde, usava-se uma mesa redonda ou uma mesa em forma de sigma (em semicírculo). A parte dianteira ficava livre para permitir servir os diferentes pratos. Os convidados estavam sentados ou deitados por trás da mesa semicircular. Para isso usavam uma espécie de

¹⁴ NT. No original do Ordinário da Missa: *Supplices te rogamus, omnipotens Deus, jube hæc perferri per manus sancti Angeli tui in sublime altare tuum, in conspectu divinæ majestatis tuæ*

¹⁵ NT. No original: *arquetipo*

sofá ou um banco, em forma de sigma. O lugar de honra não estava, como se poderia pensar, no centro, mas à direita (*in cornu dextro*). O segundo lugar de honra estava à frente.

Esta disposição dos assentos se encontra constantemente nas mais antigas representações da Ceia de Jesus e permanece até o coração da idade média. O Senhor está sempre, sentado ou reclinado, no lado direito da mesa (cf. fig. 4). Foi pelo séc. XIII que se começou a impor outro tipo de representação: colocam Jesus por trás da mesa e em meio aos Apóstolos, que o rodeiam. Esta é a imagem que Lutero tinha diante dos olhos.

Esta representação tem, com efeito, toda a aparência de uma celebração *versus populum*. Na realidade, porém, não tem nada de parecido, posto que o “povo”, para quem o Senhor se deveria ter voltado, estava ausente, como se sabe, do cenáculo. O que tira todo o valor da argumentação de Lutero. Por outro lado, segundo o que sabemos, este jamais exigiu que se celebrasse voltado para a assembléia. Entre as comunidades protestantes, somente os Reformados adotaram o costume de o fazer.



Fig. 4 - Mosaico em Santo Apolinário Novo (Ravena), séc. V: A ceia

PRIMEIRA PERGUNTA

Qual era a situação na Igreja primitiva?

Não estavam os fiéis com o presidente sentados à “mesa do Senhor”?

Aqui é conveniente distinguir bem entre a celebração do ÁGAPE (refeição fraternal) e a da EUCARISTIA, que primitivamente se fazia logo após o ágape, e mais tarde antes deste. Tratei detalhadamente desta questão no meu livro “*Beracha*”¹⁶.

Nos primeiros séculos, quando o número de membros da comunidade era ainda restrito, se conservou a mesma disposição dos assentos da última Ceia, tanto mais porque correspondia aos costumes da época. Muitas igrejas domésticas da Igreja primitiva, cujos restos se encontraram nas regiões alpinas, provam-no claramente. No centro de uma habitação relativamente pequena (pouco mais de 5 x 12,5m) se encontra um banco de pedra semicircular com capacidade de 15 ou 20 pessoas [9].

Nos povos em que o número de fiéis era mais elevado, era necessário acrescentar mesas complementares. O bispo e os presbíteros se sentavam em uma delas e os fiéis nas outras, separados homens e mulheres. Na carta aos Gálatas (2,11-12), o apóstolo Paulo reprova que Pedro se sentasse com os judeus convertidos, separado dos pagãos convertidos.

Enquanto para a ceia comum, o ágape, estavam sentados nas mesas, para a celebração eucarística se levantavam e se colocavam atrás do celebrante que permanecia diante do altar, como o prescreve expressamente a Didascália dos Apóstolos, uma instrução dos séc. II-III, que exige que se voltem estritamente para o Oriente [10].

¹⁶ NT. Leia-se “Beracá” do hebraico *Berakah*.

Com os desenvolvimentos posteriores, uma vez suprimida a refeição fraterna (por volta do séc. IV), desapareceram as mesas. Logo os fiéis se sentaram em bancos dispostos ao longo das paredes da Igreja. A mesa do altar, que antes era de madeira, se converteu em um altar de pedra.

SEGUNDA PERGUNTA

Como podemos nos opor aos modernos altares voltados para o povo se foram prescritos pelo Concílio e praticamente foram introduzidos no mundo inteiro?

Em vão se buscará na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, promulgada pelo Concílio Vaticano II, uma prescrição que exija celebrar a Santa Missa de frente para o povo. Já em 1947 o Papa Pio XII ressaltava em sua encíclica *Mediator Dei* (nº 49) o quanto estava equivocado quem quisesse fazer o altar voltar à sua antiga forma de “*mensa*” (mesa). Até o Concílio a celebração de frente para o povo não estava autorizada (adiante se verá o caso particular de certas basílicas romanas). Estava, todavia, tolerada implicitamente por alguns bispos, sobretudo para Missas com jovens.

Entre nós, na Alemanha, a nova posição do sacerdote fez sua aparição com a Jugendbewegung (Movimento da Juventude) nos anos 20, quando começaram as celebrações eucarísticas em pequenos grupos, tendo como precursor Romano Guardini com suas missas no Castelo de Rothenfels. O movimento litúrgico difundiu este costume, principalmente com Pius Parsch, que acomodou, neste sentido para sua “paróquia litúrgica”, uma pequena igreja românica (Santa Gertrudes) em Klosterneuburg, perto de Viena. Finalmente, estes esforços foram aprovados pela Instrução *Inter oecumenici*, de 1964, da Congregação dos Ritos, que conseqüentemente inspirou o novo Missal. Ali se prescreve (para as novas construções): “É aceitável construir o altar mor afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo. E ocupe um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembléia dos fiéis” (nº 91).

Desgraçadamente é verdade que os novos altares voltados para o povo foram construídos por todo o mundo, ao menos esta parece ser a forma corrente na Igreja Católica Romana. Todavia, propriamente falando, não se pode dizer que estejam prescritos.

Nas Igrejas ortodoxas do Oriente, onde hoje existem milhões de cristãos, continua-se a respeitar o costume da Igreja primitiva, segundo o qual o sacerdote que celebra o Santo Sacrifício está voltado, com os fiéis, para a abside. Esta atitude vale tanto para as Igrejas de rito bizantino (gregas, russas, búlgaras, sérvias, etc.) como para as chamadas de rito oriental antigo (armênia, siríaca, copta).

Que o altar deva estar separado da parede “a fim de ser facilmente circundado” é outra questão. Esta exigência da Congregação dos Ritos está totalmente de acordo com a tradição (*o pontifical romano tradicional, no capítulo “Sobre a dedicação das Igrejas”, exige expressamente que o altar não esteja fixo à parede, para que se possa dar a volta por todos os lados a fim de cumprir convenientemente os ritos da consagração. O “Missal de São Pio V” (edição de 1962), por outro lado indica a maneira como a incensação deve ser feita com este tipo de altares. Ao contrário do que se pode normalmente crer, o altar assim disposto está perfeitamente de acordo com a tradição, ainda que a partir da baixa idade média se tenha preferido normalmente fixá-lo à parede.*)

Durante mais de dez séculos, como até em nossos dias nas igrejas ortodoxas do Oriente, o altar permaneceu desprovidos de superestruturas. Uma mudança se produziu na época gótica com a aparição dos retábulos. Estes tinham em parte a mesma missão das pinturas da abside e das paredes da igreja, representando as diferentes etapas da salvação, desde a Anunciação d Anjo até a Ascensão do Senhor. Enquanto nas igrejas pequenas os altares estavam junto à parede da abside, nas grandes, como se viu, freqüentemente estavam colocados, até a época gótica, no meio do santuário. Então se podia dar a volta ao redor enquanto se incensava, como se diz no Sl 25: “*Lavo na inocência minhas mãos e rodeio o teu altar, Senhor, para fazer ressoar vozes de louvor e para narrar todas as tuas maravilhas*”.

Para ressaltar a santidade do altar, ao menos nas igrejas maiores, havia sobre este um baldaquino precioso sustentado por quatro colunas. Fixavam-se nos quatro lados. Indubitavelmente faziam referência às cortinas do Templo de Jerusalém, que separavam o Santo dos Santos (*Sancta Sanctorum*) do santuário, tal como Deus prescreveu a Moisés: “Farás um véu de púrpura violeta, de púrpura escarlate, de carmesim e de linho retorcido, sobre o qual serão artisticamente bordados querubins. Suspendê-lo-ás sobre quatro colunas de madeira de acácia revestidas de ouro, com pregos de ouro, sobre quatro pedestais de prata. Colocarás o véu debaixo dos colchetes, e é ali, atrás do véu, que colocarás a arca da aliança. Esse véu servirá para separar o ‘santo’ do ‘santo dos santos’” (Ex 26,31-33).

No rito bizantino, como temos visto, a Iconostase serve para fazer esta separação. Porém, segundo a concepção ortodoxa, esta com seus ícones representa também a *Ecclesia caelestis* (a Igreja celeste), que celebra também com os fiéis, razão pela qual não deve ser considerado apenas um objeto de separação mas também de contemplação para os que participam da celebração.

Em outros ritos orientais não bizantinos, a Iconostase não é usada. Em seu lugar, como no rito armênio, encontramos duas cortinas: uma pequena diante do altar e uma grande escondendo todo o coro aos olhos dos fiéis durante determinados momentos da liturgia da Missa. Delas São João Crisóstomo diz: “Quando tu vires as cortinas se fecharem, pensa, então, que o céu se abre nas alturas e que os anjos descem” [11].

Segundo o testemunho de Guilherme Durand, estas cortinas se utilizaram igualmente no Ocidente até a metade da idade média. Fala de três *velos*: um recebe as oferendas do sacrifício, o segundo rodeia o altar e o terceiro *velum* está suspenso diante do coro [12].

Enquanto que no princípio a Igreja, dentro do possível, ocultava o altar, rodeando-o de tecidos preciosos e tapetes, eis aqui que hoje este altar se encontra, vazio¹⁷, no meio da nave, exposto a todos os olhares. Por acaso sua santidade, como lugar onde se oferece o sacrifício, está mais ressaltada desta forma? Seguramente não. Ao menos que se queira – contra toda a tradição – considerá-lo uma mesa de uma sala de jantar e colocá-lo assim bem exposto.

Então, certamente, não posso fazer nada mais que aceitar...

Porém, neste caso, não se trataria de fazer presente aqui na terra o mundo celeste, mas sim o homem e seu universo. O universo de Deus, de seus anjos e santos, fica de lado, pois apenas toca o nosso. Pode ser que, apesar de tudo, se interessem por um homem chamado Jesus e por certas passagens cuidadosamente escolhidos de seu Evangelho!

TERCEIRA PERGUNTA

Na idade média não havia um altar destinado ao povo, além do altar mor, como hoje em dia?

Isto é certo na medida em que nas igrejas Catedrais e nos mosteiros havia, por regra geral, desde o fim da época românica, um altar destinado ao povo, colocado diante do *jubé*¹⁸, que era uma espécie de clausura do coro, porém um pouco mais alto que o das igrejas primitivas, com duas entradas, que davam ao coro dos cônegos ou dos monges, os quais assim estavam separados do resto da igreja. Por causa da Cruz colocada em cima deste altar ou mais exatamente no *jubé*, conhecia-se este altar como “o altar da cruz”.

Sobre este altar, nestas igrejas, se celebrava a Missa para o “povo” (porém “de costas para o povo”). Assim toda Missa destinada a uma assistência numerosa, como as missas solenes de funerais ou, em uma igreja Catedral, a Missa de coroação de um soberano (cf. fig. 5). A pregação se fazia do púlpito. Somente as missas conventuais (solenes) se celebravam no altar mor, no coro.

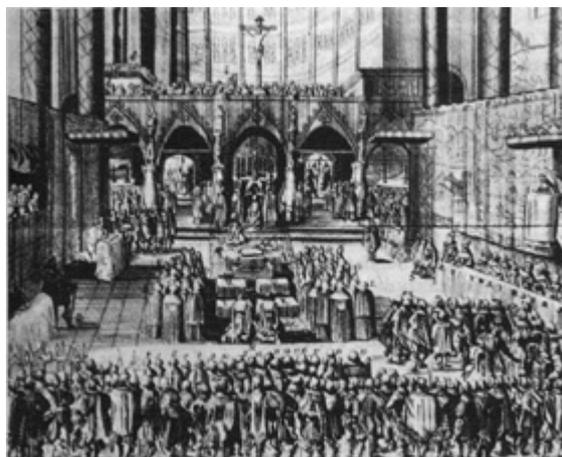


Fig. 5 – Coroação da segunda esposa do imperador Fernando II, diante do *jubé* da catedral de Ratisbona (incisão em couro de 1630)

¹⁷ NT. No original: *desnudo*

¹⁸ NT. No espanhol: *verja*; no italiano e francês: *jubé*; espécie de galeria na entrada do coro de uma igreja

A função do *jubé* não era, pois, ser uma barreira entre o clero e o povo – e também por isso não deve ser comparada à iconostase bizantina – mas estava destinada a criar para os cônegos ou para os monges um espaço onde se pudessem acontecer sem perturbações as funções litúrgicas do coro (Liturgia das Horas e Missa conventual). Por razões tanto litúrgicas quanto arquitetônicas foi totalmente sem razão fazer desaparecer o *jubé* e o altar da cruz. Tal foi o caso da Alemanha em quase todas as partes, na época do Iluminismo, seguindo ordens das autoridades seculares [13].

Da mesma forma que então se deram importantes modificações arquitetônicas no interior das igrejas – era necessário que os fiéis tivessem visão direta sobre o altar mor – hoje, depois do Concílio, quase todas as antigas igrejas foram retocadas pelos trabalhos de “reforma” (renovação)¹⁹.

Quem percorre hoje o mundo e visita as igrejas, descobre as soluções mais singulares na disposição do santuário. Na Itália, sobretudo, quando foi possível, os altares barrocos foram despojados de sua mesa, substituindo-a pelos assentos do celebrante e dos assistentes. Pensamos que seja a menos feliz das soluções, posto que o retábulo perde assim sua antiga referência ao sacrifício eucarístico e se vê “degradado”, rebaixado até o ponto de servir de encosto para os assentos dos sacerdotes.

Na maior parte dos casos, o antigo altar mor com seu tabernáculo só serve para conservar o Santíssimo. É necessário se conformar que o sacerdote que se encontra ao altar, voltado para o povo, fique constantemente de costas para o tabernáculo, para onde, há pouco tempo, se dirigiam os olhos dos fiéis quando rezavam. Em outras ocasiões, o coro paroquial se colocava nos degraus do altar mor, e os cantores, de costas para o tabernáculo, serviam-se da mesa do altar para depositar nela seus diversos acessórios.

Pela mesma razão, quando as considerações artísticas o permitiam, suprimiu-se o altar mor para conservar o Santíssimo em um tabernáculo lateral, na parede. Imediatamente surgiu uma pergunta: Como ocupar o espaço da abside que ficou vazio? Apareceram várias soluções. Com frequência se instalou o órgão e sua caixa decorativa, ou então, na maioria das vezes, o coro paroquial, ou simplesmente se suspendeu da parede da abside o antigo retábulo do altar ou um tapete valioso, a maneira de ornamento.

De todo modo nenhuma dessas soluções é satisfatória, pois ao instalar um novo altar, junto à uma aparência muito modesta, está o fazer desaparecer o centro de gravidade espacial que constituía o altar mor aos olhos do arquiteto que concebeu a igreja. Sem dúvida alguma, A. Lorenzer tem razão quando escreve: “O significado do altar forma parte integrante da igreja, ... e o deslocamento deste centro de gravidade espacial obrigaria a uma distribuição totalmente nova” [14].

Isto se evidencia de uma maneira impressionante nas grandes igrejas, como por exemplo na catedral de Speyer²⁰, onde os olhares dos que entravam se dirigiam imediatamente para o antigo altar mor, coroado pelo seu baldaquino. Hoje flutua no vazio. A nova mesa do altar, instalada no coro, não obstante suas dimensões e sua altura, apenas se faz visível e o altar, voltado para o povo, uns degraus mais abaixo, não chega a ser um “centro de gravidade espacial”.

QUARTA PERGUNTA

No “Manual de Liturgia para o púlpito, a escola e a casa” (Handbuch der Liturgie für Kanzel, Schule und Haus) do Pe. Alfons Neugart (1926), se lê: “Nas basílicas da igreja primitiva, o altar estava colocado no meio da abside do coro e o sacerdote celebrante se colocava atrás deste, de frente para o povo. Não havia cruz nem velas sobre o altar. As cadeiras para o bispo e os eclesiais estavam colocadas ao redor da parede. Posteriormente o altar foi colocado junto à parede, tal e como encontramos em nossos dias”. Isto está certo?

O que é exato é que, durante os primeiros séculos, as cadeiras do bispo e dos sacerdotes se colocavam ao longo da parede da abside e não nas laterais. Nos territórios gregos, frequentemente estavam sobre vários degraus, a fim de que o bispo pudesse ser visto por todos e melhor ouvido quando daí, de sua sede, pronunciava seu sermão. A sede central se reservava sempre ao Bispo, como ainda hoje no Oriente.

Também é certo que originariamente não se colocavam no altar cruces, velas, atril para o Missal, mas somente o cálice e a patena com as oferendas. Isto se pode comprovar pelas pinturas e miniaturas medievais da Missa. Porém existia sim, até uma época recente, o costume de adornar com flores o chão da igreja. Jamais se adornava com flores o altar.

¹⁹ NT. A versão italiana usa o termo *aggiornamento*

²⁰ NT. A versão italiana traz Spira e a espanhola Spire

Como regra geral os altares eram pequenos, com uma superfície que raramente ultrapassava 1m². No claustro de Ratisbona existe, por exemplo, um pequeno altar de pedra maciça, que remonta a uma época muito antiga. Todavia também se encontra na “antiga catedral” um altar enorme (de 2,10m X 1,40m) que possivelmente data do séc. V, representando uma “confissão”, ou seja, formava parte do sepulcro de um mártir. Daí vem seu enorme tamanho [15]. A pequena superfície, da maioria dos altares, só deixava espaço para as oferendas do pão e do vinho. Esta característica precisamente servia para ressaltar o caráter sacrificial da Missa, como nos sacrifícios dos judeus e dos pagãos: somente as oferendas propriamente ditas tinham lugar sobre o altar.

Os altares em forma de mesas de grandes dimensões eram raros na antigüidade. Porém, como outros que temos citado, também estes eram ricamente adornados com tecidos preciosos, que caíam pelos quatro lados até o chão, de modo que a mesa que cobriam não aparecia como tal. Mais tarde, em muitos lugares, pôs-se no lado anterior dos altares um tapete de tecido²¹, madeira ou metal, ricamente adornado. Porém não se pode afirmar que o caráter de ceia da Missa pudesse ser manifestado pelos altares em forma de mesa.

Mais adiante falaremos, com detalhe, da posição do sacerdote ao altar nos tempos da igreja primitiva. Somente citaremos aqui o que escreveu na revista *Deer Seelsorger*, em 1967, pouco depois do encerramento do Concílio Vaticano II, o Pe. Josef A. Jungmann, autor da conhecida obra *Missarum sollemnia*: “A afirmação, normalmente tão repetida, de que o altar da igreja primitiva supunha sempre que o sacerdote estava voltado para o povo, se comprova que é uma lenda”.

Jungman, ademais, nos adverte contra o perigo, se se aconselha o altar voltado para o povo, de “fazer disto uma exigência absoluta e, finalmente, uma moda à qual nos submetamos sem refletir”. Segundo ele, a principal razão desta recomendação de celebrar de frente para o povo é a seguinte: “Existe em nossos dias a tendência de enfatizar exclusivamente o caráter de ceia da Eucaristia”.

De sua parte o próprio Cardeal Ratzinger, nestes últimos anos, nos chama a atenção cada vez com mais freqüência contra o perigo de considerar a liturgia somente sob o aspecto de “comida fraternal” [16].

QUINTA PERGUNTA

O papa não celebra desde tempos imemoriáveis de frente para o povo, e não existe em São Pedro de Roma um altar separado elevado sobre um pódio, como na maior parte das igrejas modernas?

Pareceria exato que a idéia de um altar central, separado sobre um pódio estivesse de certa forma prefigurada na igreja barroca de São Pedro (mas não na igreja constantiniana que a precedeu): o altar papal, ligeiramente elevado, se encontra separado no meio da igreja, debaixo da cúpula central, suspensa sobre a “confissão” e a tumba do Príncipe dos Apóstolos; facilmente visível desde a nave como desde os dois braços do transepto.

Os que anteriormente tivessem presenciado uma missa papal teriam dado conta que o Papa não se coloca diante do altar, como no resto da cristandade, mas atrás deste. Alguns liturgistas inconsideradamente tiraram a conclusão de que aqui se tinha conservado a posição de frente para o povo, que o celebrante teve na igreja primitiva.

Porém, como já vamos demonstrar, trata-se da orientação da oração, pois a igreja de São Pedro não tem o abside orientado para o leste, como na maioria das antigas igrejas, mas para o oeste.

Sem dúvida, como o mostram as fotografias tomadas antes de Paulo VI, que logo empreendeu a transformação do altar papal, os fiéis presentes apenas podiam perceber a figura do papa, devido às enormes dimensões da cruz e dos castiçais do altar. Por isso não se pode falar de uma celebração *versus populum* propriamente dita. Não se trata também de um privilégio do Papa, como se afirmou. Existe, com efeito, outras igrejas em Roma nas quais a abside está orientada ao ocidente e onde o celebrante está igualmente colocado atrás do altar.

Nas igrejas modernas, construídas após o Concílio Vaticano II, normalmente se encontra, como em São Pedro de Roma, um altar separado sobre um pódio, porém falta o baldaquino que o coroa. Como se trata de um pódio separado no meio da Igreja, desprovido de qualquer orientação, normalmente rodeado de bancos para os fiéis, é difícil encontrar um lugar adequado para a cruz do altar, da qual já temos exposto mais acima a função de ponto de referência, cruz que é sempre exigida pelas novas regras litúrgicas. Na

²¹ NT. No original *alfombra de tela*

Instrução Geral do novo Missal se pode ler: “Haja também sobre o altar ou perto dele uma cruz com a imagem do Cristo crucificado que seja bem visível para o povo reunido. Convém que tal cruz que serve para recordar aos fiéis a paixão salutar do Senhor, permaneça junto ao altar também fora das celebrações litúrgicas.” (308)²²

Este era o caso do “altar da cruz” medieval (colocado diante do *jubé* que separava o coro do antecoro), porém já não o é, pois para satisfazer essa prescrição de qualquer forma se acaba colocando apenas uma cruzinha no altar ou suspensa sobre ele.

SEXTA PERGUNTA

Por acaso era bom que o sacerdote rezasse voltado para a parede? Não é melhor que reze voltado para a assembléia?

Enquanto o sacerdote se coloca na frente do altar, ele não reza em direção a uma parede, mas conjuntamente reza com todos em direção ao Senhor, tanto mais porque o que importava até agora não era formar uma comunidade, mas render culto a Deus por intermédio do sacerdote, representante dos participantes e unido a eles.

Por isto, falando da direção da oração, Santo Agostinho, bispo de Hipona, escreve: “Quando nos levantamos para orar, voltamo-nos para o Oriente (*ad orientem convertimur*) de onde o céu se levanta. Não que Deus só se encontre ali, ou que tenha abandonado as outras regiões da terra... mas para exortar o espírito a se voltar para uma natureza superior, ou seja, a Deus” [17].

Isto explica porque os fiéis, depois do sermão, se levantavam de seus assentos para a oração, que seguia, e se voltavam para o oriente. Santo Agostinho os convidava para isso freqüentemente ao terminar seus sermões, utilizando, à maneira de frase já consagrada, as palavras: “*Conversi ad Dominum*” (voltados para o Senhor!²³).

Aqui se pode evocar uma palavra de São Paulo. Consciente de que “*todo o tempo que passamos no corpo é um exílio longe do Senhor. Andamos na fé e não na visão*”, ele deseja estar ausente “*deste corpo para ir habitar junto do Senhor*” (*ad Dominum*) (2Cor 5,6-8).

Assim, pois, voltar-se para o Senhor e olhar para o Oriente, para a Igreja primitiva era uma única e mesma coisa.

Em sua obra fundamental *Sol Salutis* (1920), Joseph Dölger diz que está convencido de que a resposta da assembléia “*Habemus ad Dominum*” (Nós os temos para o Senhor²⁴), para o convite do sacerdote “*Sursum corda*” (Corações ao alto!), significava que se voltavam para o Oriente, para o Senhor (pág. 256).

A este respeito Dölger observa que certas liturgias orientais procedem expressamente a este convite por uma chamada do diácono antes da oração eucarística (pág. 251). Este é o caso da anáfora copta de São Basílio que começa assim: “Aproximai-vos, vós os homens, levantai-vos com respeito e olhai para o Oriente”; e da anáfora de São Marcos, donde uma exortação análoga (“Olhai para o Oriente!”) se diz no meio da oração eucarística, justo antes da transição que leva ao *Sanctus*.

Na breve descrição litúrgica do segundo livro das *Constituições apostólicas*, que são instruções do séc. IV, está mencionado igualmente que é necessário colocar-se de pé para e rezar e voltar-se para o Oriente [18]. O livro oitavo nos dá o apelo do diácono: “Ponde-vos de pé para o Senhor!” [19]. Como se vê, aqui também há um paralelismo entre o olhar para o Oriente e o voltar-se para o Senhor.

O costume de rezar em direção ao sol nascente é imemorial, como igualmente há demonstrado Dölger, e é encontrado tanto entre judeus como entre romanos. Por isso o romano Vitrubio, em seu tratado sobre arquitetura, escreve: “Os templos dos deuses devem estar orientados de tal forma que (...) a imagem que se encontra dentro do templo olhe para o poente, para que os que vão fazer sacrifícios estejam voltados para o Oriente e para a imagem, e assim ao fazer suas orações vejam todo o conjunto, o templo e a parte do céu que está ao nascente, e que as estátuas pareçam levantar-se com o sol para olhar para os que rezam durante os sacrifícios” [20].

Para Tertuliano (por volta do ano 200 d. C.) a oração voltada para o Oriente era uma coisa evidente. Em seu livreto “*Apologética*”, menciona que os cristãos “rezam em direção ao sol nascente” (c. 16). Esta

²² O original cita da segunda edição típica. A citação da presente edição é da terceira edição típica, de 2002.

²³ NT. Apenas um lembrete: *Conversi ad Dominum* é a frase que dá origem ao título desta obra de Klaus Gamber.

²⁴ NT. No Missal Romano utilizado no Brasil, a expressão foi traduzida como “O nosso coração está em Deus!”

orientação da oração foi assinalada prontamente nas casas por meio de uma cruz na parede. Foi encontrada uma cruz na parte superior de uma casa de Herculano, sepultada quando da erupção do Vesúvio em 79 d. C. [21].

SÉTIMA PERGUNTA

Certamente não há estudos, como o do professor Otto Nussbaum, muito conhecido, nos quais se demonstrou cientificamente que desde os tempos mais antigos houve celebrações de frente para o povo, e que estas eram as mais antigas?

Em seu estudo de grande amplitude *Der Standort des Liturgen am christlichen Altar* (O lugar do celebrante no altar cristão), publicado em 1965, Nussbaum escreve: “Quando apareceram os edifícios dedicados ao culto propriamente dito, não havia nenhuma regra estrita fixando de que lado do altar devia se colocar o celebrante. Podia bem situar-se diante ou detrás do altar” (P. 408). Ele pensa que a celebração de frente para o povo foi a preferida até o século VI.

Não obstante Nussbaum não distingue suficientemente entre as igrejas que têm abside ao leste das que o têm ao oeste, e por conseguinte a entrada ao leste. São quase exclusivamente as basílicas do século IV as que apresentam esta última orientação, e especialmente aquelas que foram construídas pelo imperador Constantino e sua mãe, Helena, como por exemplo a Igreja de São Pedro de Roma.

Porém desde o começo do séc. V, São Paulino de Nola indica que o habitual (*usitator*) é o abside ao leste [22]. De fato, há basílicas que têm sua entrada ao leste, sobretudo em Roma e na África do Norte, enquanto no Oriente são relativamente raras (em Tiro e em Antioquia).

A entrada ao Oriente (basílicas constantinianas) imitava a disposição do Templo de Jerusalém (cf. Ez 8,16) assim como alguns templos da antigüidade, cujas portas abertas deixavam penetrar a luz do sol nascente, fazendo resplandecer no interior a estátua do deus.

Nas basílicas cristãs que tinham sua entrada ao leste, o celebrante estava obrigado, normalmente, a se colocar diante da face “posterior” do altar a fim de estar voltado para o Oriente no momento da oferta do Santo Sacrifício, enquanto que, nas igrejas que tinham o abside ao leste, se colocava “diante” do altar (*ante altare*) dando por conseguinte as costas à assembléia.

Pelo fato de, em algumas destas últimas basílicas, existir lugar para o celebrante atrás do altar, às vezes se deduziu que este se colocava neste lugar e que então estava voltado para o povo, sobretudo quando existia no fundo da abside um banco para os sacerdotes com um local para o bispo.

Entretanto, esta é uma conclusão manifestadamente errônea - que Nussbaum, por outra parte, adotou -, como se pode demonstrar de maneira irrefutável com a ajuda dos resultados das escavações arqueológicas [23]. Se não, por que se teriam construído estas Igrejas exatamente em direção ao leste?

OITAVA PERGUNTA

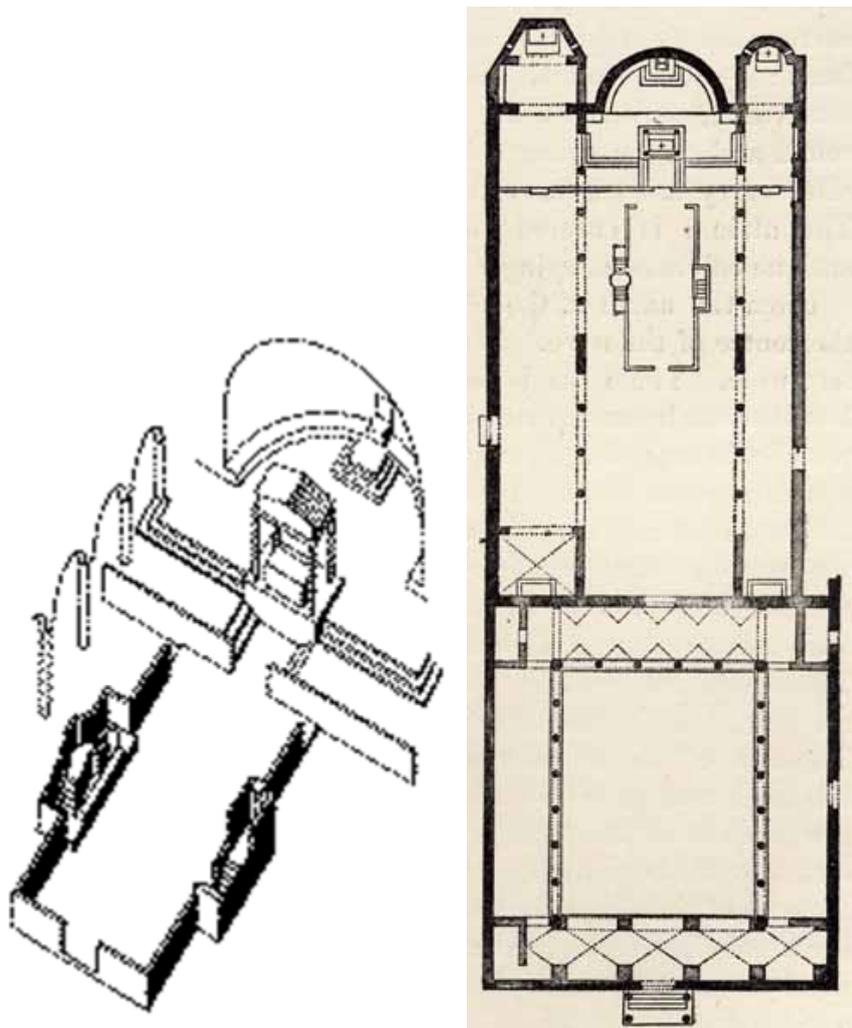
Quando o sacerdote se colocava “detrás” do altar nas igrejas que têm sua abside em direção ao ocidente, como São Pedro de Roma, não era isso uma celebração “de frente para o povo”?

Não! Com efeito, durante a oração eucarística (*canon missae*), não só o celebrante mas também os fiéis se voltavam para o Oriente. Como o fez observar São João Crisóstomo [24], nos primeiros tempos os fiéis estendiam suas mãos para rezar junto com o sacerdote (cf. fig. 9, p. 46).

Todos olhavam em direção às portas abertas da igreja, por onde penetrava a luz do sol nascente, símbolo de Cristo ressuscitado, que volta. Deixando de lado a veneração particular que o construtor destas Basílicas, o imperador Constantino, tinha pelo Sol nascente, uma passagem do profeta Ezequiel (43,1) também influenciou de maneira especial: “Fui então conduzido ao pórtico oriental, e eis que a glória do Deus de Israel chegava do oriente, com ruído semelhante ao ruído das muitas águas, enquanto a terra resplandecia com seu clarão”. Assim estando abertas as portas da Basílica ao oriente, se esperava que Cristo viesse a participar na celebração da Eucaristia, da mesma maneira que depois de sua ressurreição ele apareceu várias vezes aos seus discípulos enquanto comiam (Lc 24,36-49; Jo 21; At 1,4).

Originariamente os fiéis, separadas as mulheres dos homens, permaneciam não na nave central, mas nas naves laterais (esta afirmação, que corre o risco de surpreender o leitor desavisado, certamente está

totalmente fundamentada. A título de exemplo reproduzimos um croqui da igreja de São Clemente de Roma.



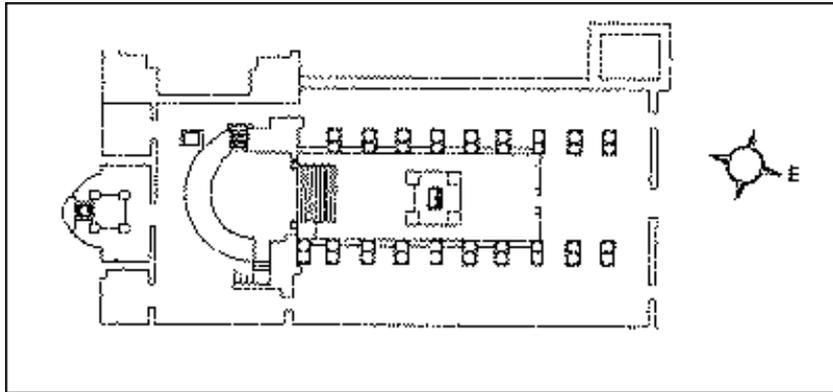
O espaço central diante do altar estava ocupado pela *schola cantorum* (recinto reservado aos cantores), os fiéis se colocavam nas naves laterais. Esta disposição está testemunhada por numerosos documentos. Notemos todavia uma hipótese diferente que se deve ao professor Cyrile Vogel, que no caso de uma basílica, na qual os fiéis estivessem na nave central, pensa que “em Roma, até a metade do séc. V, a conversio ad orientem (voltar-se para o oriente), que implicava uma aversio a mensa (dar as costas para a mesa [do altar]), não era ou deixou de ser um costume entre os fiéis” (“A orientação para o leste do celebrante e dos fiéis, durante a celebração eucarística” publicado em *L’Orient syrien*, vol. IX, 1964, p. 29)), que nas grandes basílicas podiam ser até seis (as de São João de Latrão e São Pedro de Roma só têm quatro). O colocar-se nas naves laterais corresponde ao sentar-se ao longo das paredes laterais nas igrejas pequenas da cristandade primitiva. Este costume subsiste ainda nas igrejas do Oriente. A nave ou o espaço central abaixo da cúpula fica livre para as funções do culto. Os fiéis de mais idade se situavam nos assentos (*stasidien*) ao longo das paredes da Igrejas, e nas naves laterais o resto dos assistentes do ofício, de pé. No Oriente, a posição de pé, e não de joelhos, como antes entre nós, é a atitude corporal mais conveniente à participação litúrgica, atitude que ademais exige uma grande disciplina física, sobretudo durante aos ofícios religiosos mais longos.

Como o mostram certas escavações e as representações (cf. fig. 6) nas basílicas constantinianas e norte-africanas o altar estava próximo ao centro da nave. Era rodeado pelos quatro lados com uma grade e, por via de regra, era coberto com um baldaquino.



Fig. 6 - Mosaico de Tabarca, África do Norte (séc. IV): Ecclesia mater. Segundo o Dicionário de arqueologia cristã e de liturgia, de Dom Cabrol e Dom Leclercq, IV, 2, tav. entre as colunas 2232-2233, artigo: *église*). O altar está no meio da nave.

O coro (*schola cantorum*) se colocava de frente para o celebrante. Nas igrejas de Ravena, todas elas orientadas em direção ao leste, se conservou durante muito tempo esta posição do altar e da schola no meio da nave central, de que existem testemunhos até o séc. VIII [25]. (*Sempre a título de exemplo, reproduzimos a planta da igreja de Sabratha, na Líbia.*



O celebrante, voltado para o leste, se coloca de costas para a abside e de frente para as portas da igreja. Os fiéis não estão colocados diante do sacerdote (vê-se que tampouco havia lugar), mas nas naves laterais. Eles, como o celebrante, não tinham dificuldade em se voltar para o leste).

Na igreja constantiniana de São Pedro de Roma, o altar não se encontrava sobre a tumba do Apóstolo, ao contrário do que se pode crer, mas um pouco mais ao centro da nave. Sobre o lugar em que estava enterrado o Príncipe dos Apóstolos havia uma "memoria" sem altar, um baldaquino sustentado por colunas, como mostra a antiqüíssima representação do pequeno cofre de marfim de Pola (cf. fig. 7). A suposição com freqüência aduzida de que teria havido em outro tempo um altar maior imóvel ali por onde entravam e saíam os peregrinos que visitavam a tumba do Apóstolo não pôde ser provada.



Fig. 7 - Abside da antiga igreja de São Pedro, em Roma, antes de sua reconstrução sob o papa São Gregório Magno. (Reconstrução com base na pequena placa de marfim de Pola).

Posto que, nas basílicas que tinham sua abside em direção ao Ocidente e o altar no meio da nave, os fiéis, como vimos, se colocavam nas naves laterais (entre as colunas das quais pendiam cortinas, que se abriam durante a Missa), de fato não voltavam as costas ao altar, coisa que em todo caso seria impensável, pelo respeito que se tinha à santidade do altar. Sem dúvida, podiam voltar-se sem dificuldade para o Oriente (em direção à entrada) com uma ligeira rotação do corpo.

Mesmo no caso inverossímil de que, durante a oração eucarística, os fiéis não estivessem olhando para a entrada e sim para o altar, não existiu um cara a cara com o sacerdote, pois o altar, como temos dito, estava oculto pelas cortinas, na antigüidade, durante este período da mesma.

A partir da idade média, o altar destas basílicas foi deslocado para a abside. Na igreja de São Pedro isto se fez, como se sabe, por volta de 600, sob o papa São Gregório Magno, quem ao mesmo tempo empreendeu importantes modificações no coro e instalou uma cripta circular, para que os peregrinos pudessem chegar livremente à tumba do Apóstolo, sem ter que penetrar no presbitério (cf. fig. 8).

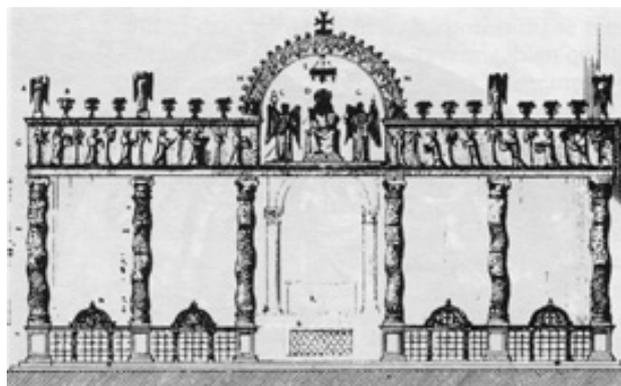


Fig. 8 - Reconstrução (segundo Rohault de Fleury, *La messe*, II, Confessions, tav. CXXXI) do altar de São Pedro, em Roma, sob o papa São Gregório Magno (600). Diante do altar com baldaquino uma espécie de iconostase.

Mais adiante, pouco a pouco, o povo se colocou na nave central. Em uma época (impossível hoje de determinar) onde os assistentes deixaram de se voltar para o Oriente para permanecer voltados para o altar, nas basílicas constantinianas, se chegou a uma espécie de celebração “de frente para o povo”.

NONA PERGUNTA

Qual era a posição do sacerdote e dos fiéis nas igrejas nas quais a abside estava em direção ao Oriente, que como se sabe, constituíam a maioria dos antigos santuários?

Nas basílicas que tinham várias naves laterais e a abside em direção ao oriente, os assistentes à Missa se situavam a princípio nas naves laterais, assim como na parte traseira da nave central. Formavam uma espécie de semicírculo aberto ao Oriente e no ponto de convergência se colocava o celebrante (no centro do círculo inteiro virtual).

Diferentemente, nas basílicas que tinham a abside em direção ao ocidente, o sacerdote, assim como os clérigos e cantores que o rodeavam, se colocavam no ponto central deste semicírculo.

Quando posteriormente os fiéis começaram a ocupar a nave central e se colocaram assim dispostos como em uma espécie de coluna militar, algo dinâmico apareceu que assemelhava à coluna do povo de Deus em marcha através do deserto rumo à terra prometida. Sua posição para o leste indicava o objetivo da coluna, o Paraíso perdido que sempre se buscava ao Oriente (cf. Gn 2,8). O celebrante e seus assistentes formavam a cabeça desta coluna.

A disposição inicial, que consistia em um semicírculo aberto, resultava ao contrário de um princípio estático: a espera do Senhor, que havia subido aos céus para o leste (cf. Sl 67,33-34; Zc 14,4) e que dali regressaria (cf. Mt 24,27, At 1,11). Quando se espera uma personalidade importante, se rompem as filas para formar um semicírculo, a fim de acolher o hóspede de honra em seu centro. São João Damasceno escreve: “Em sua Ascensão, se elevou para o Oriente e desta forma foi adorado por seus Apóstolos, e assim regressará, da mesma maneira que o viram subir ao céu, como o mesmo Senhor o disse: “como o relâmpago que salta do oriente e brilha até o ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem” (Mt 24,27). Eis porque o esperamos e o adoramos voltados para o oriente. Eis aqui uma tradição não escrita dos Apóstolos” [26]

A partir desta idéia se representou em numerosas igrejas, desde o séc. VI, aproximadamente – pensa-se nas pinturas desta época em Bawit (Egito) – a Ascensão do Senhor abaixo da abóbada principal da abside: na parte superior da imagem, Cristo glorioso levado pelos anjos; na parte inferior Maria representando a Igreja, em atitude orante com as mãos estendidas para o céu e, à sua esquerda e direita, os Apóstolos. Esta pintura representava ao mesmo tempo a Glorificação de Jesus no céu e sua segunda parusia segundo a palavra dos anjos aos apóstolos quando da Ascensão: “Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu” (At 1,11) [27].

Mais tarde, nas pinturas de absides ocidentais, Cristo em seu trono foi destacado desta composição e se converteu em *Majestas Domini* rodeado dos símbolos dos quatro evangelistas na pintura da abside típica da arte românica. No oriente bizantino ou se pintou o Senhor em sua glória como Pantocrator abaixo da abóbada principal da abside ou se colocou no conjunto da Ascensão, abaixo da cúpula superior do altar. Em quase todos os casos, se dispensa a Mãe de Deus nestas composições, reservando-a para a ornamentação da abside (cf. fig. 2).

Uma passagem do Apocalipse deve ter influenciado para determinar o lugar central da abside, que é destinado a Maria: “Abriu-se o templo de Deus no céu e apareceu, no seu templo, a arca da aliança (destinado como temos visto para guardar a Eucaristia sobre o altar). Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 11,19a.12,1).

Note-se aqui a relação entre Maria-Igreja e Arca da Aliança, mas também o fato de que o véu do templo – ou seja, do santuário que este cobre – só se abria em determinadas circunstâncias. O mistério, o *tremendum*, exige – algo que hoje se esquece facilmente – estar oculto, de onde nascia o desejo de vê-lo descobrir-se.

O apóstolo São Paulo escreve: “Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face” (1Cor 13,12a). Olhar rumo ao leste não só significava olhar para o Senhor transfigurado nos céus e regressando ao fim dos tempos, mas também o desejo da última manifestação, da revelação da glória futura.

DÉCIMA PERGUNTA

Porém o fato de que nas antigas basílicas romanas o altar e a abside pudessem se encontrar em quaisquer direções é uma contradição com a afirmação de que nas origens se rezou sempre voltado para o Leste e que conseqüentemente as igrejas fossem “orientadas”. Como se explica?

Trata-se ou de igrejas construídas sobre materiais de construções que já existiam na antigüidade, ou das que, devido a condições locais, não permitiam uma exata orientação leste-oeste, o que não impedia que tanto o sacerdote como os fiéis se voltassem para o Oriente para a oração e o sacrifício, como era costume habitual entre os cristãos.

Assim, por exemplo, a célebre igreja de São Clemente de Roma, que foi edificada sobre antigas construções, tem a entrada a sudeste. Esta é a razão pela qual o celebrante tem seu lugar atrás do altar. Ademais, celebrar diante dele não seria possível devido à disposição dos espaços. Para olhar para o Oriente durante o Santo Sacrifício é suficiente que o sacerdote gire ligeiramente o corpo para essa direção. O mesmo acontece para os fiéis situados nas laterais. Em São Clemente se utiliza a nave para a “schola”. Nela se podem ver dois ambões para a leitura da epístola, o gradual e o evangelho.

Em seu livro “*Le rite e l’homme*”, Louis Bouyer escreve: “A idéia de que a basílica romana era a forma ideal de uma igreja cristã, porque permitia uma celebração onde sacerdotes e fiéis estivessem face a face, é um completo contra-senso. Seria a última coisa na qual teriam pensado nossos antepassados” (p. 241).

De qualquer maneira, como temos visto, a estrita orientação das igrejas, tal como se encontra a partir dos séc. IV e V, não teria sentido, se não houvesse relação com a orientação da oração.

Para corroborar a opinião segundo a qual o altar propriamente dito (e a cruz que está sobre ele) seria o ponto de referência para o qual se voltariam os fiéis, e que, de forma ideal, deveriam rodear, se cita a maneira de exemplo a expressão do *memento* dos vivos do cânon da Missa: “*et omnium circumstantium*” (e de todos os que circundam este altar). É preciso deixar claro, no que diz respeito à significação filológica desta expressão, que *circumstantes* designa globalmente “as pessoas presentes” e não somente “aqueles que formam um círculo ao redor de algo”. De fato, nos escritos da época não se conhece nenhum exemplo em que os fiéis fizessem um círculo ao redor do altar durante a celebração da Missa. De qualquer forma não seria possível, pois naquela época, como ainda hoje entre os orientais, os leigos não tinham direito a entrar no santuário.

O respeito não se desenvolve se não onde está animado por atitudes externas e, se necessário, por proibições destinadas a evitar profanações. Por exemplo, se um sacristão pode apoiar sem escrúpulos uma cadeira ou escada sobre o altar para colocar no alto atrás do altar candelabros ou flores, a santidade do altar é profanada grosseiramente. Estas atitudes são inimagináveis nas igrejas do Oriente.

Pelo contrário, a expressão “*et omnium circumstantium*” pode induzir os fiéis a tomar uma atitude respeitosa durante a oblação do Santo Sacrifício, a saber, de pés, cheios de respeito (cf. fig. 9). Porém hoje em dia estas “pessoas presentes” se transformam facilmente em “pessoas sentadas” (confortavelmente) em seus assentos, ao que contribui a presença de simples cadeiras nas igrejas, que incitam a nos acomodarmos. Certamente mudar a maneira moderna de ver este aspecto não será fácil. Porém, não se esqueça que a atitude de pés é a atitude litúrgica por excelência, que ademais favorece o espírito comunitário.



Fig. 9 - Basílica de São Marcos, Veneza, mosaico que representa a Missa pela invenção (=encontro) das relíquias do santo (séc, XII-XIII).

DÉCIMA PRIMEIRA PERGUNTA

Tudo isto é muito bonito, mas não é necessário contar que o homem moderno é incapaz de compreender que seja necessário voltar-se para o oriente para rezar? O sol nascente não tem para o homem atual a força simbólica que tinha para o homem da antigüidade e que ainda hoje tem para os mediterrâneos, que recebem o sol com mais intensidade que os “homens do norte”. Para os cristãos de hoje o que é importante é a comunhão da mesa eucarística.

Se o homem moderno não presta grande atenção à direção exata em que reza – o que continuam a fazer os muçulmanos que se voltam para Meca e os judeus que se orientam para Jerusalém – deveria sem dúvida compreender o significado que reveste o fato de que o sacerdote e a assembléia rezem juntamente na mesma direção. De qualquer forma, o costume de que todos os presentes estejam orientados, todos juntos, “para o Senhor”, é atemporal e tem, mesmo hoje, todo o seu sentido.

Junto ao aspecto teológico do face a face do sacerdote e da assembléia durante a celebração do sacrifício eucarístico, convém evocar aqui igualmente os problemas de ordem sociológica, que foram postos em evidência na “comunidade da mesa eucarística”.

O professor W. Siebel, no opúsculo intitulado “*Liturgie als Angebot*” (A liturgia à venda?), pensa que o sacerdote voltado para o povo se pode considerar como “o símbolo mais perfeito do novo espírito da liturgia”. E acrescenta: “o costume em uso até há pouco fazia o sacerdote parecer chefe e representante da comunidade, que fala a Deus em nome dela, como Moisés no Sinai: a comunidade dirige uma mensagem a Deus (oração, adoração, sacrifício) e o sacerdote, como chefe, transmite esta mensagem e Deus a recebe”.

Com a prática moderna, continua Siebel, o sacerdote olhando para o povo “praticamente já não aparece como representante da comunidade, mas apenas como um ator que, em todo caso na parte central da Missa, representa o papel de Deus, um pouco como em Oberammergau ou outras representações da Paixão”. E conclui: “todavia se nessa nova maneira o sacerdote se converte num ator, encarregado de interpretar Cristo em seu cenário, então Cristo e o sacerdote parecem, por causa desta restituição teatral da ceia, identificar-se um com o outro de maneira um tanto inaceitável”.

Siebel explica assim a boa vontade com a qual quase todos os sacerdotes adotaram a celebração “*versus populum*”: “a desorientação considerável e a solidão dos sacerdotes fez-lhes buscar novos motivos onde apoiar seu comportamento. Entre estes o suporte emocional, a comunidade reunida diante do sacerdote e que o procura. Porém imediatamente brota daí uma nova dependência: a do ator diante do seu público”.

O mesmo, K. G. Rey declara em seu estudo “*Pubertätserscheinungen in der katholischen Kirche*” (Manifestações púberes²⁵ na Igreja católica): “até então o sacerdote oferecia o sacrifício como intermediário anônimo, como cabeça da comunidade, voltado para Deus e não para o povo, em nome de todos e com todos; as orações que recitava lhes eram prescritas... hoje em dia este sacerdote vem ao nosso encontro como um homem, com suas particularidades humanas, seu estilo de vida pessoal e seu olhar voltado para nós. Para muitos sacerdote é uma tentação, contra a qual não são capazes de lutar, a de vender sua própria personalidade. Alguns sabem, com maior ou menor astúcia, explorar a situação em seu proveito. Suas atitudes, sua mímica, seus gestos, todo o seu comportamento atrai os olhares sobre eles por suas repetidas observações, diretas e também pelas suas palavras de acolhida ou de despedida... O êxito que assim conseguem constitui para eles a medida de seus poderes e conseqüentemente a norma de sua segurança”.

Em sua obra “*Liturgie als Angebot*”, Siebel declara todavia, a propósito do desejo de Klauser citado mais acima, de ver “mais claramente expressada a comunidade da mesa eucarística” pela celebração “*versus populum*”: “A reunião da assembléia ao redor da mesa da Ceia (desejada por Klauser) apenas pode contribuir para reforçar a consciência comunitária. Com efeito, somente o celebrante se encontra diante da mesa e, além disso, de pé. Os outros participantes do ágape estão sentados mais ou menos longe na sala do espetáculo”.

Ainda mais, segundo Siebel: “Como regra geral, a mesa está posta longe dos fiéis, sobre um estrado, de maneira que não é possível fazer reviver os estreitos laços que existiam na sala onde ocorreu a Ceia. O sacerdote que interpreta seu papel voltado para o povo dificilmente consegue deixar de dar a impressão de representar um personagem que, com toda cortesia, tem alguma coisa a nos propor. Para diminuir esta impressão cuidou-se de colocar o altar no meio da assembléia. Então não se tem necessidade de ver somente o sacerdote, pois assim se podem ver os assistentes sentados a seus lados ou diante dele. Porém, ao colocar o altar no meio dos fiéis, desaparece a distância entre o espaço sagrado e a assembléia. O recolhimento que antes nascia da presença de Deus na igreja se transforma num pálido sentimento que em nada se diferencia do cotidiano”.

²⁵ NT. No sentido de pré-adolescentes, pueris.

Colocando-se atrás do altar, o olhar voltado para o povo, o sacerdote se converte, do ponto de vista sociológico, num ator, que depende totalmente de seu público e num comerciante que tem algo a vender.

Em seu livro já citado, *Das Konzil der Buchhalter*, Alfred Lorenzer evoca ainda outros pontos de vista, particularmente de ordem estética: *“O microfone não só revela cada respiração, cada ruído inadvertido, mas faz com que a cena se pareça com os programas de culinária da televisão mais do que com as formas litúrgicas das comunidades cristãs da Reforma. Se estas últimas marginalizaram a ação sagrada – reduzida ao máximo de simplicidade e brevidade –, a reforma litúrgica conserva a ação: despoja-a de seus gestos ornamentais, porém é conservada minuciosamente em toda a complexidade de seu desenvolvimento, e a partir de agora apresentada aos olhos de todos numa pseudo-transparência que confunde a percepção sensível das manipulações com a transparência do mito, manipulações executadas de uma maneira que, em todo caso, exhibe indiscretamente cada detalhe de um ritual alimentar. Vê-se um homem partir com dificuldade uma hóstia, que resiste, e como a introduz em sua boca. Convertemos-nos em testemunhas dos costumes pessoais de mastigar, nem sempre muito estéticos, de engolir o pão seco, da técnica utilizada para fazer girar o cálice para purificá-lo e a maneira mais ou menos hábil de enxugá-lo”* (p. 192).

Isto em relação ao aspecto sociológico da posição do celebrante de frente à assembleia. Outra coisa é quando se trata de proclamar a palavra de Deus. Esta ação supõe um frente a frente do sacerdote e do povo, assim como o pregador se voltava para o povo e o diácono quando cantava o Evangelho.

Porém como já temos dito, as coisas são totalmente de outra maneira na celebração do sacrifício eucarístico propriamente dito. Aqui a liturgia não é uma *“oferta”* como na liturgia da Palavra, é um acontecimento sagrado, no curso do qual o céu e a terra se unem e onde o Deus de bondade se inclina para nós. Somente no momento da distribuição da comunhão, do banquete propriamente dito, se chega a um cara a cara entre o sacerdote e os comungantes.

Precisamente estas mudanças na posição do sacerdote no altar, durante a Missa, têm uma certa significação simbólica e sociológica. Quando o celebrante reza e sacrifica tem, como os fiéis, os olhos fixos em Deus, enquanto que ao distribuir a Comunhão, volta-se para o povo.

Como temos visto, o voltar-se para o leste é tão antigo quanto a Igreja e constitui por isso um costume que não se pode mudar. *“Busca-se”* constantemente *“com os olhos o lugar onde se encontra o Senhor”* (J. Kunstmann) ou como disse Orígenes em seu livro sobre a oração (c.32), há aqui *“um símbolo, o da alma contemplando como se eleva a verdadeira luz”, “na expectativa da nossa esperança feliz, a aparição gloriosa de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo”* (Tt 2,13).

DÉCIMA SEGUNDA PERGUNTA

Por que o caráter sacrificial da Missa é menos claramente expressado, como se afirma, se o sacerdote está de frente para o povo?

Rebatendo com outra pergunta: se entre os especialistas se sabe perfeitamente que ao preconizar *“o altar de frente para o povo”* não se pode apelar a uma prática da igreja primitiva, por que não se tira a consequência que se impõe? Por que não retiram *“as mesas do banquete”* erigidas com surpreendente unanimidade no mundo inteiro?

Muito provavelmente porque este tipo de mesa corresponde mais à nova concepção de Missa e de eucaristia do que a prática antiga.

Está muito claro que hoje se queria evitar dar a impressão de que a *“santa mesa”* (como se denomina o altar no Oriente) possa ser um altar do sacrifício. Sem dúvida é também a razão pela qual, em quase toda parte, só se põe no altar um ramo de flores, como se fosse a mesa de uma refeição de família, assim como duas ou três velas, que geralmente se colocam ao lado esquerdo da mesa, enquanto o jarro com flores fica do outro lado.

Busca-se a falta de simetria, e já não é necessário ter um ponto de referência central, como o que existia há pouco na cruz com os castiçais colocados à sua direita e esquerda. Deseja-se apenas uma mesa para a comida e não um altar.

O sacerdote se coloca diante do altar do sacrifício, não atrás. O mesmo fazia o sacerdote entre os pagãos. No santuário, seu olhar se dirigia para a representação da divindade a quem se oferecia o sacrifício. O mesmo se fazia no Templo de Jerusalém, onde o sacerdote encarregado de oferecer a vítima se colocava diante da *“mesa do Senhor”* (cf. Mt 1,12), como se chamava o grande altar dos holocaustos situado no centro

do Templo, de frente para o templo interior, que guardava a arca da aliança no Santos dos Santos, lugar onde habita o Altíssimo (cf. Sl 16,15).

Uma refeição se desenvolve sob a presidência do pai de família no seio familiar. Diferentemente, em todas as religiões existe uma liturgia determinada para levar a cabo o sacrifício, que se desenvolve dentro ou diante de um santuário (que também pode ser uma árvore sagrada). O oficiante está separado da multidão e se põe diante desta, diante do altar e voltado para a divindade. Sempre as pessoas que oferecem um sacrifício estão voltadas para aquele a quem se destina o sacrifício e, nunca, para os que participam na cerimônia.

Em seu comentário ao livro dos Números (10,2), Orígenes se faz intérprete da concepção da Igreja primitiva: “*Aquele que está diante do altar mostra por isso mesmo que é ele que cumpre as funções sacerdotais. Pois bem, a missão do sacerdote consiste em interceder pelos pecados do povo*”. Em nossos dias, onde o sentido de pecado desaparece pouco a pouco, o sacerdócio é uma idéia que parece amplamente perdida.

Como sabemos, Lutero negou o caráter sacrificial da Missa: não via nela mais que a proclamação da Palavra de Deus, à qual seguia a celebração da Ceia. Daqui vem sua exigência, já mencionada, de que o celebrante estivesse voltado para a assembléia.

Certos teólogos católicos modernos não negam diretamente o caráter sacrificial da Missa, porém gostariam de vê-lo num segundo plano a fim de poder ressaltar melhor o caráter de ceia da celebração. Na maioria das vezes, por causa de considerações ecumênicas a favor dos protestantes, descuidando contudo de seu ecumenismo quanto às igrejas orientais ortodoxas para as quais o caráter sacrificial da Divina Liturgia é um fato indiscutível.

Somente a eliminação da “*mesa da refeição*” e o retorno do “*altar mor*” na celebração poderão nos levar a mudanças na concepção de Missa e de Eucaristia, ou seja, à Missa entendida como ato de adoração e veneração a Deus, como ato de ação de graças por seus benefícios, por nossa salvação e nossa vocação ao Reino dos Céus, e como representação mística do sacrifício da cruz do Senhor.

Não obstante, como já temos visto, isto não exclui que a Liturgia da Palavra seja celebrada não no altar, mas na cadeira ou no ambão, como anteriormente se fazia na Missa pontifical. Porém as orações devem ser feitas todas para o oriente, isto é, para a imagem de Cristo na abside e para a cruz no altar.

Dado que durante nossa peregrinação na terra não nos é possível contemplar toda a grandeza do mistério celebrado e menos ainda o próprio Cristo, nem a “*assembléia celeste*”, não basta falar continuamente de tudo que o sacrifício da Missa tem de sublime. É bem mais necessário fazer todo o possível para pôr em evidência aos olhos dos homens a grandeza deste sacrifício através da própria celebração, por meio de uma disposição artística da casa do Senhor e especialmente do altar.

Pode-se aplicar tanto ao desenvolvimento litúrgico como às imagens o que disse o pseudo-Dionísio, o Aeropagita, sobre os “*véus sagrados*” em seu livro “*Sobre os nomes sagrado*” (1,4): esses véus “*que (ainda hoje) escondem o espiritual no universo sensível, e o supra-terrestre no terrestre, que conferem forma e imagem ao que não tem forma nem imagem... Porém chegará um dia em que, convertidos em imperecíveis e imortais, e alcançando a paz bem-aventurada junto a Cristo, estaremos, como diz a Escritura, com o Senhor (cf. 1Ts 4,17), cheios da contemplação de sua presença visível*”.

CONCLUSÃO

Esperamos ter deixado claro que antes de Martinho Lutero, em parte alguma se encontra a idéia do sacerdote voltado para a assembléia durante a celebração da Santa Missa, nem tampouco a favor desta maneira de ver se pode invocar algum descobrimento arqueológico.

O termo específico *versus populum* (voltado para o povo) aparece pela primeira vez no *Ritus servandus in celebratione Missae* (Rito a ser observado na celebração da Missa) do *Missale Romanum* redigido em 1570 pelo papa São Pio V, a pedido do Concílio de Trento. Na seção V, 3, especificamente se trata do caso em que “*o altar esteja orientado ao leste [não para a abside mas] para o povo*” (*altare sit ad orientem versus populum*), o que se aplica a algumas antigas igrejas de Roma.

Porém o acento se põe aqui no *ad orientem* (o que voluntariamente se omite), enquanto que o *versus populum* não é mais que um acréscimo em vistas da indicação que segue imediatamente, a saber, que ao dizer *Dominus vobiscum* o celebrante não precisa se voltar para o povo que saúda com esta expressão. Esta posição do sacerdote “*por trás do altar*” em algumas basílicas romanas fez nascer, como vimos nas

Jugendbewegung (“Movimento da Juventude”) dos anos 20, a errônea concepção segundo a qual em Roma se havia conservado assim um costume da igreja primitiva.

Assim como têm sido até então na Igreja do Ocidente, jamais se usou nas Igrejas do Oriente a celebração *versus populum*, onde por sinal nem existe um termo correspondente. É de notar que, durante a concelebração, comum entre os ortodoxos, o celebrante principal dá sempre as costas à assembleia enquanto os sacerdotes concelebrantes se colocam por trás deste.

Certamente não se pode calar que também houve – e ainda há –, nas Igrejas do Oriente, tentativas esporádicas de celebrar a liturgia de frente para o povo ou ao menos de colocar o altar diante da iconostase. Em 1921, o patriarca Tikhon de Moscou percebeu claramente os riscos que, para a correta celebração do culto divino, trariam as novidades preconizadas e praticadas por alguns sacerdotes, conseqüência da Revolução Russa, pelo que fez uma chamada a todos os bispos do país: “*Tudo isto se está fazendo sob o pretexto de adaptar a liturgia às exigências dos novos tempos, de dar ao culto divino a animação necessária para incitar os fiéis a irem à igreja. Não, não abençoamos nenhuma destas violações e nenhuma destas arbitrarias ações individuais durante a celebração litúrgica, posto que não o podemos fazer. A divina beleza de nossa liturgia, tal como se fixou nos livros rituais, as rubricas e as prescrições, deve permanecer intocável na Igreja Ortodoxa Russa, porque este é o dom supremo mais sagrado*”.

A evolução posterior deu razão ao patriarca. Graças ao fato de ter guardado e cultivado fielmente sua liturgia tradicional, hoje em dia a Igreja Ortodoxa russa permanece viva e próspera.

O que é decisivo para a localização do sacerdote no altar, como temos insistido, é o caráter sacrificial da Missa. O sacrificador se volta para aquele para quem se oferece o sacrifício, por isso se põe diante do altar *ad Dominum*, para o Senhor.

Além disso, se se deseja ressaltar o caráter de ceia da celebração eucarística, o simples fato de celebrar *versus populum* não seria suficiente para tornar este caráter tão aparente como se imagina e que tanto se deseja. Pois somente o “presidente da ceia” se coloca à mesa. O resto dos “participantes da ceia” se colocam na nave, como numa “sala de espetáculo”, sem relação direta com a “mesa da ceia”. Esta é a razão pela qual hoje, em pequenos grupos, se tende a colocar os assistentes ao redor do altar. Isto, mais a frente, conseqüentemente apagará completamente o caráter sacrificial da Missa. Não se fará justiça a este sacrifício a não ser fazendo o que sempre foi feito, voltarmos com o sacerdote “para o Senhor”, por conseguinte, todos na mesma direção.

Segundo a concepção católica, a Missa é algo mais que uma comunidade reunida para celebrar uma ceia em memória de Jesus de Nazaré. O importante não é a constituição de uma comunidade, nem o que ela vive – mesmo que isto não se deva subestimar (cf. 1Cor 10,17) – mas sobretudo o culto que se rende a Deus.

Não o homem, mas Deus é quem deve ser sempre o ponto de referência. É por isto que desde as origens todos se orientavam para Ele e não um cara a cara entre sacerdote e assembleia. É necessário extrair a conseqüência e reconhecer francamente que a celebração *versus populum* é um erro. Pois ela é definitivamente uma orientação para o homem e não para Deus.

EPÍLOGO

Penso que todos aqueles liturgistas, que não sejam simples comediantes, estejam de acordo sobre o conjunto das observações de Monsenhor Gamber. Não vejo apenas mais que um ponto no qual suas observações são talvez insuficientemente fundadas: a idéia de que, na antigüidade, os fiéis ocupavam apenas as naves laterais. Porém isto é algo totalmente secundário.

Por outro lado, sinto-me obrigado a ser ainda mais severo sobre a absurda substituição contemporânea de uma idéia da Eucaristia como ceia, totalmente oposta à idéia da Eucaristia como sacrifício.

Isto não quer dizer exatamente nada... pela simples razão de que em nenhuma religião existiu um sacrifício que não fosse além de uma "ceia", porém uma ceia "sagrada" que envolve o mistério de uma presença especial e comunicação divina... Quanto a idéia de que a Eucaristia, para ser uma ceia, deve implicar um face a face dos participantes com o sacerdote, isto é uma ingenuidade dos modernos. Em todos os banquetes da antigüidade, tanto judeus, como pagãos, nunca se davam a cara... pela simples razão de que todos os participantes estavam situados no lado convexo de uma mesa em forma de sigma, reservando-se o lado côncavo para o vai e vem dos que serviam.

De tudo isso resulta que a denominada Missa "de frente para o povo" não é mais que um total contra-senso ou mais ainda uma pura falta de sentido.

O sacerdote não é uma espécie de bruxo ou ilusionista que faz seus truques diante de um público de bobalhões, mas o guia de uma ação comum, que nos conduz à participação em algo feito de uma vez para sempre por Aquele que o sacerdote simplesmente representa e diante de cuja personalidade a sua deve sumir completamente.

O que dizer agora deste novo tipo de sacerdote-ator, que pretende atrair toda a atenção sobre si e que discursa como um vendedor atrás de seu balcão, para o benefício de uma massa passiva? Nada vai mais contra, não só de "toda" a autêntica tradição cristã... mas também do "novo missal", se é que tomam um tempo para ler suas rubricas. Não se *prescreve* que o sacerdote esteja "voltado para o povo", cada vez que se dirige a eles e não a Deus, na oração comum? Isto não teria sentido se o sacerdote já estivesse voltado para os fiéis.

Uma certa moda de altar "de frente para o povo" se podia entender quando se proclamavam no altar as *leituras* (o que supunha uma missa sem assistência, exceto pelo coroinha). Porém isto atualmente, com o novo missal mais que com o antigo, é um autêntico contra-senso.

Louis Bouyer, do Oratório

EM MEMÓRIA DE KLAUS GAMBER

Quem considera o imponente conjunto de escritos sobre liturgia de Monsenhor Klaus Gamber, não terá a menor dúvida de que se trata de uma ciência praticada, não por si mesma, mas ao serviço do "*mysterium fidei*" da Igreja, esse "*mistério da fé*" que todo cristão, e especialmente todo sacerdote, tem por missão celebrar e transmitir. Precisamente, a partir daqui, da obra científica de Gamber se libertam impulsos fecundos para a celebração da santa liturgia. Klaus Gamber mostrou claramente que a liturgia jamais nasceu da pressa de um momento, mas que sempre é necessário referir-se à enorme tradição litúrgica de toda a Igreja. Razão pela qual sua obra pode constituir hoje, para todos os que se ocupam da liturgia e em especial para o sacerdote e o diácono, que a celebram e a proclamam, uma incitação direta a celebrar com o povo o "*mistério da fé*" em espírito de adoração.

Joachim Cardeal Meisner, Arcebispo de Colonia

UM CAMINHO A SEGUIR

Mons. Klaus Gamber foi chamado à presença de Deus em 2 de junho de 1989, pouco depois de seu aniversário de 70 anos. As resenhas publicadas em sua memória são a ocasião, que saborosamente aproveito, para saudar sua recordação e expressar-lhe meu reconhecimento. Há anos, tenho seguido com atenção a aparição de obras escritas e editadas por ele no quadro de suas atividades no Instituto litúrgico de Ratisbona.

Suas edições têm permitido aos especialistas aproveitar melhor o tesouro da história da liturgia. O grande mérito de Mons. Gamber é o de ter introduzido nas ciências litúrgicas uma crescente perspectiva histórica. Não se limitou sem dúvida ao simples estudo do passado, a uma atividade em certo sentido puramente arqueológica, mas soube tirar dela conclusões precisas, úteis para resolver os problemas atuais e estimular as discussões entre especialistas.

Graças a seus importantes e sólidos estudos da história da liturgia, Gamber pôde analisar nestes últimos anos certas evoluções equívocas na concepção da missa, e mostrar por meio de suas investigações o caminho a seguir para chegar a uma compreensão mais profunda da liturgia. Seus vastos conhecimentos proporcionaram-lhe os fundamentos seguros para alcançá-lo com a competência e a maturidade espiritual que o caso requeria. Mais ainda, enquanto autor, não temeu, a partir de suas análises de situações críticas, tomar clara posição frente aos fenômenos inquietantes que tinham surgido na vida da igreja. Certamente, declarações deste gênero dificilmente conquistam o favor da “opinião pública”.

O vivo interesse que mostrou pela ortodoxia oriental e suas liturgias constituiu também uma particularidade dos trabalhos de Mons. Gamber. Seus escritos têm sido para muitos uma iniciação na espiritualidade das Igrejas do Oriente e têm feito ressurgir sua importância para a Igreja católica romana. Sua obra “*Kraft aus dem Ursprung für den Weg der Kirche in die Zukunft*” (A fidelidade às origens, caminho para o futuro da Igreja) em 1988, proporcionou uma prova impressionante baseada nos dados da ciência litúrgica. Para este estudo, como para muitas de suas outras obras, ele bebeu nas antigas fontes ortodoxas, enriquecendo assim nossa concepção ocidental da liturgia, sobretudo no relativo ao caráter teofânico da liturgia, de onde a glória de Deus deve ser percebida e sentida. Também marcou claramente os limites de um pensamento litúrgico somente orientado para o utilitário e contribuiu, com a ajuda das concepções das Igrejas Orientais, a que melhor apareça em nossa Igreja toda a força que irradia da celebração litúrgica.

Guardo pelo venerado falecido uma profunda gratidão por sua obra tão variada e construtiva, para o serviço da teologia e da proclamação. Espero com seus amigos que os trabalhos que tem deixado atrás de si continuem a reforçar e fecundar nosso amor aos Padres da Igreja e às diversas tradições litúrgicas do Oriente e do Ocidente²⁶.

Mons. Karl Braun, bispo de Eichstätt

PARA UM MAIOR CONHECIMENTO

O **Cardeal Ratzinger** menciona em seu prefácio, os estudos de muitos sábios que aderem às mesmas conclusões de Klaus Gamber. Para uma informação mais ampla recomendamos ao leitor a consulta dos seguintes títulos:

Em primeiro lugar, em *Celebración de la Fe*²⁷ (Tequi, 1985, págs. 131-137), o mesmo Cardeal nos dá um bom resumo sobre esta questão e a problemática atual que provoca²⁸.

A obra fundamental e exaustiva é sem dúvida o livro de **F. J. Dölger** *Sol Salutis* (2ª ed. Munster, 1925) desgraçadamente não traduzida para o espanhol²⁹.

Seguindo com livros publicados em alemão, e referentes à orientação do altar, existe um livro de **J. Braun** muito consultado do ponto de vista arqueológico: *Der Christliche Altar* (Munique, 1932). Por trás de um minucioso estudo de cento e cinquenta altares, que ao norte dos Alpes se encontram ainda em sua posição primeira e que se podem datar com total certeza como sendo do primeiro milênio da era cristã, o autor chega a esta conclusão indiscutível, que nenhum deles salvo um ou dois, jamais puderam ser utilizados para uma celebração “de frente para o povo”.

J. A. Jungman adquiriu justo renome no pós-guerra pela publicação de sua obra mestra “*Missarum sollemnia*”. Há edição espanhola, publicada pela BAC com o título “*El sacrificio de la misa*”. A edição francesa em três tomos (Auber, Paris, 1951-54) leva o subtítulo de “*Estudo genérico da missa romana*”. A tabela analítica, ao final do terceiro tomo, dá as referências de distintas passagens em que o autor trata o tema da

²⁶ Os dois textos acima transcritos são extratos de *Simandron. Der Wachklopper. Gedenkschrift für Klaus Gamber*. Luthe-Verlag Köln 1989. Foram traduzidos e reproduzidos com a devida autorização no espanhol.

²⁷ NT. Esta obra, numa edição espanhola, está intitulada *La Fiesta de la Fé*.

²⁸ NT. Atualmente se pode encontrar nas Livrarias Paulinas do Brasil a edição portuguesa de *Introdução ao Espírito da Liturgia*, na qual o mesmo autor toca no assunto, citando também Louis Bouyer.

²⁹ NT. E infelizmente muito menos para o português.

orientação de altares. "Editions du CerP" publicou do mesmo autor em 1962 (Colección Lex Orandi) "*La Liturgia de los primeros siglos*". Nela, Jungman dedica dezessete páginas à questão da orientação e conclui, tendo evocado o caso de certas igrejas de Roma, onde por estar a abside ao oeste, o celebrante de fato se encontra "de frente para o povo": "A propósito da atual insistência sobre esta posição do altar, como fator de uma maior união entre o celebrante e a assembléia, seria bom fazer ver claramente que este precedente histórico em favor da orientação do altar, é um grande exagero. Os diversos ritos orientais jamais favoreceram a celebração litúrgica nesta posição (...) O motivo principal a favor desta maneira de colocar o altar, como já o temos indicado, deve-se buscar na regra geral da orientação para a oração". (pág. 214).

Erik Peterson, que foi professor de literatura cristã antiga no Instituto Pontifício de Arqueologia Cristã em Roma, dá conta num artigo muito bem documentado, de suas investigações sobre as estreitas relações entre a oração rumo à cruz e rumo ao Oriente, ambos símbolos da vinda de Cristo no fim dos tempos. Assim, na missa, sacerdote e fiéis rezam em direção ao Oriente e à cruz, que domina o altar e a assembléia. ("*Ephemerides liturgicae*" 49, 1945, págs.52-68; "*La cruz y la plegaria hacia oriente*").

O estudo magistral do **Professor Cyrille Vogel** "*Versus ad Orientem*" (*La Maison-Dieu*, nº 70, 1962, págs. 67-99) corrigido e aumentado em "*Sol Aequinoctialis*" (*Revue des Sciencias religieuses*, 36, 1962, págs. 175-2119 e em "*La orientación hacia el este del celebrante y los fieles durante la celebración eucarística*" (*L'Orient Syrien*, vol. IX, 1964, págs. 3-37) tem a enorme vantagem de facilitar uma bibliografia exaustiva sobre a questão. Aqui também a mesma conclusão se impõe: "... o problema de uma celebração de frente para o povo (no intuito de o fazer participar mais completamente na "Actio" eucarística) é um problema alheio à antigüidade cristã, pois a celebração rumo ao Oriente é uma das grandes constantes do culto" (nota 54, em "*La orientación hacia el ... op.*", cit. pág. 29). Do mesmo autor em *Navidad, Epifanía, regreso a Cristo* (Paris, Cerf, 1967, colección Lex Orandi, nº 41) se pode ler, págs. 85-108, "*La Cruz escatológica*", onde o Professor Vogel se volta e aprofunda o estudo de Erik Peterson mencionado anteriormente.

Do **Padre Louis Bouyer**, além da obra citada por Mons. Gamber, página 30 ("*El rito y el hombre*", Paris, Cerf, 1962, colección Lex Orandi, nº 32), pode-se ler com proveito "*Arquitectura y liturgia*" (Paris, Cerf, 1967, colección Foi Vivante, 1991) obra que dará ao leitor precisões muito interessantes sobre a liturgia da Sinagoga e sobre todas as primitivas igrejas sírias, que testemunham uma vez mais a importância da orientação na história do culto. Conclusão do último capítulo, intitulado "*Tradición y renovación*" (pág. 96): "Na maioria dos casos, sobretudo o meio termo das igrejas paroquiais, do ponto de vista da restauração de uma verdadeira celebração comunitária, é necessário dizer francamente que colocar o sacerdote do mesmo lado dos fiéis durante a oração eucarística, enquanto chefe visível de todo o grupo, nos parece a melhor solução".

Em "*Iglesia de Lyon*", de 5 de maio de 1992, o **Cardeal Decourtray** chama a atenção de seus diocesanos sobre os dois desvios atuais: "O segundo, ligado ao primeiro (o desenvolvimento dentro da própria Igreja de uma moral laicista) não é outra, que o esquecimento prático do Mistério da infinita santidade de Deus, manifestada por excelência na liturgia. Estamos de tal maneira voltados para a assembléia, que temos esquecido com freqüência de nos voltarmos conjuntamente, povo e ministros, para Deus. Agora, sem esta orientação essencial, a celebração carece de todo sentido cristão. "Corações ao alto!" "O nosso coração está em Deus!" A Constituição conciliar sobre a "Sagrada Liturgia" o diz admiravelmente. "Temos sido bastante fiéis a seus ensinamentos?" (23 de abril de 1992)

No transcurso de uma entrevista concedida ao jornal "*Kleine Zeitung*" em 13 de janeiro de 1989, o novo bispo de Salzbourg **Mons. George Eder**, respondia a duas perguntas sobre a orientação do altar:

- "V. Exa. Revma. celebra sempre de costas para o povo e não tem, em vossa igreja paroquial, nenhum altar de frente para o povo, por quê?"

- "Veja você, o Concílio não pediu em nenhum texto que haja em cada igreja um altar de frente para o povo. Nem no novo código de Direito Canônico há algo a este respeito. O Concílio deixou liberdade neste terreno. Porém uma nova moda apareceu, e depois se aponta com o dedo para os que não têm o altar de frente para o povo! Fazem o mesmo por causa do latim. Desde o princípio, eu lutei pelo bilingüismo na Igreja; é a boa solução. Se se canta em inglês, todos contentes, porém se se dizem três palavras em latim... é anticonciliar! Por isto quero me servir no futuro desta liberdade que o Concílio deixou para a língua e para o altar".

- "Então, V. Exa. Revma. utilizará esta liberdade de se colocar de costas para o povo?"

- "Por que apresentar as coisas dessa forma? Nenhuma pessoa sensata pode pensar que o fato de dar ao altar um giro de 180 graus não tenha conseqüências. A teologia da Eucaristia sofreu um deslizamento; de um sacrifício se passou a uma ceia".

Da pena do Pe. Joseph Gélineau, inovador, se assim pode ser chamado, a mesma constatação quanto ao aspecto tradicional da oração para o Oriente ("*El santuario y su complejidad*", na *Maison Dieu*, 63,1960, págs. 53-68): "O sacerdote, que chega ao altar para celebrar a eucaristia, não deveria fazê-lo de frente para o povo? É necessário observar que o problema do altar "*versus populum*", tal como hoje se estabelece, é relativamente novo na história da liturgia. Durante um período bastante longo e por uma boa parte da cristandade, a questão dominante, no dizer de muitos historiadores, não foi a posição recíproca do celebrante e dos fiéis, mas a da orientação em sentido estrito, ou seja, de colocar-se para o Oriente para a oração. O Oriente simbolizava então a direção da ascensão e da vinda de Cristo" (pág. 60).

Em seu "*Léxico de los símbolos*" (*Edic. Zodiaque*, 1969) na palavra "**Orientação**", **Oliver Beigeder** faz notar: "A orientação da igreja para o Oriente é um fato regular como mínimo, desde o século V... É chocante notar como o respeito à orientação esteve às vezes contra a beleza do lugar. Basta ver, em Lião, às margens do Saona, a catedral de São João e a Igreja de Fourviere, para constatar que não se contou com a estética, pelo que se edificaram estas igrejas com a parte posterior para o rio" (pág. 338). Sinal da considerável importância que, nossos maiores na fé, davam à orientação das igrejas e à oração.

Assinalemos finalmente o excelente trabalho de Jean Fournée "*La misa cara a Dios*" (París, 1976, colección *Una Voce*, nº 5), que em quarenta páginas dá uma excelente síntese da questão³⁰.

³⁰ NT. Esta obra provavelmente será meu próximo trabalho de tradução, pois está disponível na Web em espanhol.

BIBLIOGRAFIA³¹

- [1] PG (Migne, Patrologia Griega) 63, 111.
[2] *La plegaria*, 31, n° 5; traducción de A. G. HAMMAN (DDB, 1977), pág. 120.
[3] Biblioteca de la Kirchenväter, pág. 64.
[4] "Scivias ",11, visión 6.
[5] Mons. DUCHESNE, "*Orígenes del culto cristiano*", 3a edición, págs. 485 y 488.
[6] PG 61, 313.
[7] 1,2 "*Del altar*", n° 5.
[8] PG 79. 577-580.
[9] Cf. K. GAMBER, "*Das Patriarchat Aquileja und bairische Kirche*" (El patriarcado de Aquielea y la Iglesia Bávara), págs. 25 a 55.
[10] 11, 57, 2-58, 6 (Paderborn, 1906) edición de Funk.
[11] PG 62,29.
[12] "*Racional*", 1, 3 n° 35.
[13] Cf. sobre este tema el artículo de K. GAMBER en el periódico "*Das Münster* ",1985.
[14] "*Das Konzil der Buchhalter*" (El Concilio de los contables), pág. 200.
[15] Cf. K. GAMBER, "*Ecclesia Reginensis* ", págs. 49 a 66.
[16] CE "*Entretiens sur la foi* ", Fayard, 1975, pág. 158.
[17] PL (Migne, Patrología Griega) 34, 1277.
[18] Capítulo 57, 14; edición de Funk, pág. 165.
[19] Capítulo 12, 2; edición de Funk, pág. 494.
[20] 1, libro 4, capítulo 5, edición de E. Tardieu & A. Cousin hijos, pág. 173.
[21] Cf. E. C. CONTÉ CORTI "*Vida, muerte y resurrección de Herculano y Pompeya* ",págs. 16 a 18.
[22] Ep. 32, 13. (PL 61, 337).
[23] Cf. K. GAMBER, "*Liturgie und Kirchenbau*" (Liturgia y construcción de iglesias), págs. 16 a 18.
[24] PG 62, 204.
[25] Cf. K. GAMBER, "*Liturgie und Kirchenbau*" (Liturgia y construcción de iglesias), págs. 132 a 136.
[26] PG 94, 1136.
[27] Cf. K. GAMBER, "*sancta sanctorum* ", págs. 31 a 34.
[28] Cf. BEISSEL, "*Geschichte der Evangelienbücher*",pág. 258.
[29] Cf. K. GAMBER, "*Ecclesia Reginensis*", págs. 176 a 183.
[30] PL 115, 677.
[31] Cf. K. GAMBER, "*Ecclesia Reginensis* ", págs. 184 a 198.
[32] "*De eccl. off* " 11, 8 (PL 83,789).

³¹ NT. Pela possibilidade de algumas dessas obras estarem com o mesmo título em espanhol, conservei-as sem tradução.

APÊNDICE DO TRADUTOR

A ORAÇÃO VOLTADA PARA O ORIENTE

Desde tempos antigos, tem sido sempre um costume na oração das Igrejas Orientais alguém se prostrar até o chão, voltando-se para o oriente; os próprios edifícios foram construídos de modo que o altar ficasse para o oriente. São João Damasceno explica o significado desta tradição: *“Não é por simplismo e nem por acaso que rezamos voltados para as regiões do oriente (...). Desde que Deus é luz inteligível (1Jo 1,5) e, na Escritura, Cristo é chamado o Sol de justiça (Mt 3,20) e o Oriente (Zc 3,8 da Septuaginta), é necessário dedicarmos o oriente a ele para render-lhe culto. A Escritura diz: ‘Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado’ (Gn 2,8). (...) Na busca da antiga terra natal e dirigindo-nos a ela, adoramos a Deus. Mesmo a tenda de Moisés tinha o véu e o propiciatório voltados para o oriente. E a tribo de Judá, visto que era a mais notável, acampou ao oriente (cf. Nm 2,3). No templo de Salomão, o pórtico do Senhor estava voltado para o Oriente (cf. Ez 44,1). Finalmente, o Senhor pregado na cruz olhava para o ocidente, então nos prostramos em sua direção, voltados para ele. Quando ele subiu aos céus, foi elevado para o oriente, e dessa forma os discípulos o adoraram, e assim ele retornará, do mesmo modo que eles o viram subir ao céu (cf. At 1,11), como o Senhor mesmo disse: ‘Porque, como o relâmpago parte do oriente e ilumina até o ocidente, assim será a volta do Filho do Homem’ (Mt 24,27). Esperando por ele, prostramo-nos voltados para o Oriente. Isto é uma tradição não escrita, derivada dos Apóstolos”.*

Esta rica e fascinante interpretação também explica a razão porque o celebrante que preside na celebração litúrgica ora voltado para o oriente, assim como o povo que participa. Não é uma questão de presidir a celebração com as costas voltadas para o povo, como muitas vezes é alegado, mas mais propriamente de guiar o povo na peregrinação rumo ao Reino, convocado para a oração até o retorno do Senhor.

Tal prática, ameaçada em numerosas Igrejas Católicas Orientais por uma nova e recente influência latina, é de um tal profundo valor e deveria ser salvaguardada como verdadeiramente coerente com a espiritualidade litúrgica Oriental.

Congregação para as Igrejas Orientais, Instrução para a aplicação das prescrições litúrgicas do Código de Cânones das Igrejas Orientais, 107³²

³² NT. Descobri este texto em junho (2008). Traduzi-o do inglês, fazendo também consultas ao italiano. A versão inglesa está disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/orientchurch/istruzione/pdf/istruzione_inglese.pdf